

CORAÇÃO
DE PEDRA

KATEE ROBERT

CORAÇÃO
DE PEDRA

Tradução de Filipa Aguiar

MARCADOR

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2022

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2021 por Katee Robert
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Stone Heart*
Autora: Katee Robert
Tradução: Filipa Aguiar
Revisão: Ana Marta Ramos/Editorial Presença
Paginação: Gráfica 99, Lda.
Arranjo de capa: Carlota Flieg/Marcador
Imagens da capa: Shutterstock

Edição digital

1.^a edição, novembro, 2022

Medusa

— Tens de me fazer uma coisa.

Deixo de estar em sentido, os pés à largura dos ombros e as mãos unidas atrás das costas por instinto. Atena não exige tanta formalidade como os meus antigos instrutores, mas é difícil perder velhos hábitos. Ela está sentada à secretária, tão régia como uma rainha e sete vezes mais mortífera. É uma negra linda com pele castanha, quente, e cabelo curto rapado em baixo, os caracóis escuros perfeitamente penteados. Hoje o seu fato habitual é de uma bela cor creme que me faria parecer uma criança mascarada.

Em Atena, fica perfeito.

Se ela não fosse minha comandante, a sua beleza e perfeição far-me-iam tropeçar e agir como uma adolescente desajeitada, mas Atena não tem paciência para imbecis, e eu não sou idiota ao ponto de ter uma paixoneta por uma das treze pessoas mais poderosas de Olimpo. Na maior parte dos dias.

— O que for preciso.

Ela inclina-se para a frente e arqueia uma sobrancelha. Conhecemo-nos há tempo suficiente para que o seu olhar não se detenha nas cicatrizes que marcam o meu rosto.

— Senta-te, Medusa. Isto não é uma reprimenda. Tenho uma missão para ti e exijo o maior sigilo.

A desilusão azeda-me o estômago, e esforço-me por manter uma expressão impávida. Não sei o que esperava. Que Atena me chamasse aqui um dia e só quisesse conversar? Perguntar-me como estava a correr o meu dia? Ela não é assim. Esse não é o papel que *represento* para ela. Há momentos em que gostaria que fosse diferente, principalmente nos últimos tempos, mas devo tudo a Atena. Ela manda-me saltar, eu pergunto a que

altura.

Sento-me com cautela na cadeira em frente à secretária. É resistente e não aquilo que eu consideraria mobiliário de bonecas, mas o meu corpo continua a parecer demasiado grande, demasiado desengonçado, para ocupar aquele espaço. E se eu der cabo dela? Seria azar... Mudar de posição, fletir um pouco as pernas e partir a cadeira preferida de Atena.

É preciso muito esforço para pôr os pensamentos de novo em ordem.

— Quais são os pormenores?

Posso adivinhar os parâmetros. Não sou como os esquadrões normais que ela manda executar tarefas corajosas para manter Olimpo em segurança. Aquiles, Pátroclo e Belerofonte são praticamente heróis no que diz respeito à cidade. Quando as pessoas falam de *mim*, fazem-no com medo. Como se eu fosse o papão escondido debaixo das suas camas, pronto para as matar com um único ataque. Mas pelo menos só falam de mim em sussurros, em vez de o fazerem na minha cara. Prefiro assim, mesmo que magoe ser chamada «monstro».

Apesar de ser verdade.

As luzes da ribalta só brilharam uma vez na minha direção, e foi mais do que suficiente. O medo que senti na altura ainda me faz acordar com suores frios algumas noites. Escapei de boa, e Atena é a única razão pela qual não passei anos encafuada num apartamento na zona do porto, amante contrariada do último Posídon. Ele já está morto e enterrado, o seu filho herdou o título, mas o medo permanece.

Melhor ser temida do que desejada. Melhor para mim. Melhor para todos.

Ela suspira e recosta-se.

— A situação não é ideal. Duas das famílias descendentes de deuses andam a discutir por causa de um assunto conjugal. Por norma, isso não seria da nossa competência e eu estaria inclinada a deixá-las resolver isso sozinhas, mas o Zeus pediu-me que tratasse do assunto. — O seu rosto contorce-se um pouco naquela última parte, não me deixando ilusões sobre a natureza do *pedido*. Foi mas é uma ordem. Atena pode ser um dos Treze, os dirigentes de Olimpo, mas Zeus é... Zeus.

— Certo — digo lentamente. Calculo o rumo que a coisa vai tomar, e o nó no meu estômago aperta-se. Dificilmente se poderia considerar que tenho as mãos limpas, e provavelmente não ficarão mais limpas com o

passar do tempo, mas não possuo o dom de desligar as minhas emoções como alguns dos outros subordinados de Atena. Em vez disso, acrescento combustível ao meu pesadelo e considero que fiz um bom negócio.

Melhor do que a outra opção.

— O marido, Odisseu, tem uma amante e não anda a ser discreto sobre a sua existência. A mulher dele está furiosa, as duas famílias estão envergonhadas e atacam-se mutuamente, e é apenas uma questão de tempo até ela envenenar a sopa dele ou a mãe dela tentar atropelá-lo com um carro.

Pestanejo. Nunca entendi as famílias de nível superior que lutam por quaisquer restos a que consigam deitar a mão durante a sua proximidade com os Treze. Qual é o sentido de todo esse esforço sem recompensa? Há apenas uma mudança de título uma vez por geração, mais ou menos, portanto tudo parece tão inútil.

— Porque não se livra ele da amante?

— Ele tem o orgulho ferido e não porá fim ao relacionamento, mesmo que não queira lidar com as consequências. Entenderias se o conhecesses. — Atena suspira. — O Zeus quer que ela desapareça no sentido permanente, e depressa. — Faz deslizar uma pasta sobre a mesa na minha direção.

A náusea surge quando pego nela, mas engulo a sensação. Dentro da pasta, encontro um papel com um nome e uma morada; duas chaves e uma fotografia. Guardo a fotografia de novo na pasta sem olhar para ela. Não quero ver o rosto da pessoa que me mandam *remover*, pelo menos não enquanto tiver público. A morada é próxima, um prédio de apartamentos elegante mesmo no centro da cidade alta. Odisseu é realmente ousado por a ter instalado aqui, mesmo debaixo do nariz da sua mulher.

O meu olhar demora-se no nome acima da morada. *Calipso*. Nome bonito, sem dúvida de uma mulher bonita. Ela não merece o que está prestes a acontecer-lhe, mas às vezes o preço de conquistar o poder em Olimpo é obtermos violência e sangue em vez de prestígio e joias. Na minha opinião, não parece valer o risco, mas, uma vez que me mandam eliminar pessoas que chegaram muito longe demasiado depressa, acho que não sou a melhor pessoa para decidir isso.

Brinco com as chaves na minha mão.

— O Zeus mexeu-se depressa para arranjar as chaves da casa dela.

— Não foi ele que as providenciou, mas sim o Odisseu.

Quase deixo cair as chaves.

— Desculpe?

— Como eu disse, o orgulho não lhe permite admitir que está errado, mas quer que o problema seja resolvido tanto como os outros. — Atena faz uma careta. — Percebo o que isto parece e não é o ideal, mas o Zeus deu a sua ordem e todos dançamos quando ele manda. Não há nada a fazer acerca disso.

Não há nada a fazer acerca disso.

Ela conseguiu intervir quando o último Posídon quis tratar-me como um objeto a ser reivindicado, mas ele não me quisera morta, e assim que Atena me reivindicou, ele não se atreveu a contrariá-la. Mas Zeus não é Posídon. Ninguém se mete com Zeus quando ele toma uma decisão. Nem mesmo Atena.

— O homem é um covarde. — Eu não queria falar, mas as palavras saem à mesma. — Ele é que é casado. Por que motivo o *homicídio* é mais aceitável do que admitir que estava errado e pôr fim à relação?

— Isso não é preocupação nossa — diz Atena com firmeza. — Fazemos o que temos a fazer para proteger o equilíbrio pacífico de Olimpo. Às vezes isso significa fazer coisas que são... — Ela desvia o olhar. — Não é o ideal, e percebo isso, mas não temos outra opção. Zeus quer o que quer, e se não lho dermos, duas famílias irritadas serão a menor das nossas preocupações. A Calipso precisa de ser eliminada para manter esse equilíbrio pacífico.

Equilíbrio pacífico.

Engraçado, mas a chamada paz só parece aplicar-se a quem tem dinheiro e poder.

Consigo manter isso para mim mesma. Em última análise, os meus pensamentos a respeito de tal coisa não importam. Não tenho poder nesta cidade. Sou apenas um instrumento dos poderosos, ou seja, de Atena.

E, agora, ela está a mandar-me saltar.

Levanto-me e enfio as chaves no bolso.

— Eu trato do assunto.

— Obrigada. É melhor fazeres com que pareça um acidente, se possível. A mulher não tem família, mas o Odisseu exibiu o seu caso em público e, se se souber que ela teve um fim violento, as pessoas farão

perguntas incômodas.

Que os deuses nos livrem de alguém fazer perguntas.

Suavizo a minha expressão e viro-me para a porta.

— Eu trato disso. — Mesmo que saiba que não vai acontecer, parte de mim quer que Atena me chame de volta e diga que encontraremos outra solução. Não o fará. Tomou a decisão e não é de mudar de ideias.

Não, a fraca neste cenário sou eu.

Já é tarde, por isso não vejo ninguém quando saio do edifício e caminho pela rua, as minhas pernas compridas a devorar a distância. É tentador ir para casa, dormir sobre o assunto, mas não tenho alternativa. Se não obedecer, serei *eu* a sofrer as consequências, e Atena enviará outra pessoa para despachar a amante. O meu peito tenta fechar-se com o pensamento, uma sensação tão familiar como o meu próprio batimento cardíaco.

Não tenho escolha. Nunca tenho escolha. Um pequeno preço a pagar pela minha vida, mas é-me fácil dizê-lo. Não sou eu quem vai pagar o preço desta vez.

Pelo menos posso garantir que seja indolor. Um pequeno conforto, mas melhor que nada. Muitos acidentes são violentos por natureza. Outro dos meus... colegas de trabalho... poderia empurrá-la da varanda do arranha-céus, ou atirá-la contra o vidro de uma cabina de duche com alguns cortes convenientemente localizados para permitir que ela sangrasse no chão da casa de banho.

Comprimidos, decido. Não um acidente, mas um suicídio. Um sono profundo do qual ela nunca acordará. É a opção mais gentil.

Com isso em mente, faço um desvio rápido pela casa segura mais próxima de Atena. Temo-las espalhadas pela cidade, projetadas para serem um esconderijo perfeito se precisarmos de desaparecer durante um curto período de tempo, ou o local perfeito e totalmente abastecido para nos esgueirarmos se precisarmos de algo para um trabalho. Armas e equipamento médico e alguns quartos para dormir.

Esta está vazia, felizmente. *Graças aos deuses*. Não tenho bem a certeza do que o meu rosto revela, e não consigo evitar que espelhe as minhas dúvidas. Que espelhe a *verdade*. Aquela mulher não merece morrer por dormir com um homem casado. Pelo que sei, isso é praticamente um desporto na cidade, entre a classe alta. Eles disputam jogos políticos

dentro e fora do quarto e ninguém levanta as sobrancelhas, desde que mantenham as coisas puras e saudáveis à superfície. Hipócritas, todos eles. Se Odisseu não tivesse sido tão teimoso a respeito de aparecer com ela em público, não teria chegado a isto, e agora *ela* pagará o preço em vez da pessoa que o devia pagar.

Ela não é casada. *Ele* é.

— A decisão não é minha — murmuro enquanto vasculho os suprimentos médicos até encontrar o frasco de comprimidos adequado. Verifico e torno a verificar para garantir que é o medicamento certo. Ela não sofrerá. Eu certificar-me-ei disso.

Engraçado como esta decisão não me faz sentir nada melhor.

Aproveito o tempo para esmagar comprimidos suficientes para cumprir a missão e, em seguida, coloco o pó no frasco. Enfio-o no bolso das calças e procuro num armário até encontrar uma máscara. Já sabia que não era uma visita de cortesia quando Atena me chamou, pelo que estou vestida para trabalhar, com calças pretas cheias de bolsos, botas e uma camisola preta justa de manga comprida. Pego na máscara preta e paro. A amante morre esta noite. Usar máscara importa pouco, tal como importa pouco que a mulher me veja, porque ela não viverá para contar a ninguém que um dos agentes de Atena apareceu para a matar.

Ainda assim...

Enfio a máscara no bolso e olho em volta. Estou a esquecer-me de algo...

— As câmaras! — Tenho a certeza de que Atena porá termo a qualquer investigação que Ares queira começar, e aposto que haverá pressão de ambas as famílias para manter as coisas em segredo, mas não há razão para tentar o destino.

Respiro fundo e ligo a Belerofonte. Não me faz esperar muito até responder com a sua voz baixa:

— Fala Belerofonte.

— Preciso de um favor e é relacionado com o trabalho, mas não posso dar pormenores.

Belerofonte mal hesita.

— Claro, Medusa. O que posso fazer por ti?

Digo a morada do prédio da amante.

— Preciso das câmaras na garagem, escadas e trigésimo andar em *loop*

durante algumas horas esta noite. — Não devo demorar muito a tratar daquilo, mas é melhor prevenir do que remediar.

— Dá-me um momento. — Movimento do outro lado e, em seguida, o som suave de dedos a premir teclas. — Temos uma porta de entrada nesse sistema de segurança, portanto isso não é um problema. Queres um *loop* ou simplesmente que a filmagem seja apagada?

Mordo o lábio inferior. É uma boa pergunta. A falta de imagens é conveniente, pois não há a preocupação de que sejam recuperadas, e é pouco provável que a segurança interna se aperceba de algum problema até que as procure e descubra que não existem. Um *loop* é um pouco mais arriscado porque há uma pequena possibilidade de alguém perceber, mas cobre o meu rasto com mais eficiência.

— Um *loop*, por favor.

— Entendido. — Depois hesita. — Estou de folga no fim de semana. Tenho todo o gosto em ajudar-te naquilo que a Atena te mandou fazer.

É tentador dizer sim. Tão incrivelmente tentador. Gosto bastante de Belerofonte. É uma pessoa calma e competente e nunca me faz sentir o monstro que tenho a certeza que sou na maior parte do tempo. Também não trata as minhas cicatrizes como algo horrível de se ver ou algo para fingir que não existe. As cicatrizes fazem parte de mim, e Belerofonte não vê motivo para fazer comentários sobre elas. Não sei se nos consideraria amigas, mas sou mais próxima delu do que da maioria dos meus colegas de trabalho, se é que posso chamar colegas de trabalho às outras pessoas que seguem as ordens mais sombrias de Atena.

— Agradeço a oferta, mas esta é uma situação do tipo lobo solitário.

— Entendido. — Mais teclas premidas. — Se mudares de ideias, avisa-me. O *loop* começa dentro de quinze minutos.

— Obrigada, Bel.

— Sempre ao dispor.

Desligo, incapaz de decidir se me sinto melhor ou pior. Não importa. Sei como me sentirei depois de chegarem ao fim os eventos da noite.

Como o monstro que sou.

Medusa

É fácil entrar no prédio. Mesmo que as câmaras não estivessem em *loop* graças a Belerofonte, têm ângulos mortos de mais de um quilômetro de largura. Passo por elas sem problemas e faço a longa viagem escadas acima até ao trigésimo andar. Sou forte e treino diariamente, mas trinta lanços de escada são suficientes para que fique sem fôlego e com as coxas a tremer um pouco quando por fim chego ao patamar certo.

Levo alguns momentos a recuperar o fôlego e a organizar as ideias.

O corredor é luxuoso, desde a tapete espessa até às luzes nas paredes, a intervalos regulares, entre as portas amplamente espaçadas. Estes apartamentos são *grandes*. Olho para as câmaras encostadas ao teto. Não há ângulos mortos aqui, pelo que fico duplamente feliz pela ajuda de Belerofonte.

Verifico o número na chave — *fornecida por Odisseu, sabendo para que seria usada* — e avanço pelo corredor até à porta correspondente a esse número. Fica ao fundo, o que é bom. Só terei de me preocupar com os vizinhos de um lado e, mesmo assim, aposto o meu último ordenado que o isolamento acústico destas casas é de última geração. Os deuses nos livrem da mais ínfima suspeita de não estarmos numa casa com quatro paredes só nossas.

No meu apartamento, às vezes parece que estou mesmo em cima dos vizinhos. Consigo dizer o que eles comem ao jantar e saber de cor a cadência dos seus passos. Não é exatamente uma experiência de vida tranquila, mas eles são quase todos boas pessoas e por isso tolero a situação. E, verdade seja dita, faz-me sentir menos sozinha nas noites más.

Estás a empatar.

Respiro fundo, enfio a chave na fechadura e entro no apartamento. Fecho a porta sem fazer barulho e volto a trancá-la. É tarde e a maioria

das luzes da sala principal está apagada, mas as cortinas estão abertas e, portanto, a luz da cidade permite-me ver. É um belo espaço. Grande, luxuoso e muito amplo, com poucos locais para uma pessoa se esconder. Também está vazio.

Talvez ela não esteja em casa. Não sei muito sobre amantes, mas a julgar pelo apartamento em si, ela anda a aproveitar o dinheiro de Odisseu. Não que isso lhe vá servir de alguma coisa depois desta noite. O pensamento deixa-me enjoada. Ela não vai sair com ele; *ele* passará sem dúvida a noite com a mulher para garantir um álibi.

Cerro os punhos e tenho de contar lentamente até dez para combater a onda de pura fúria. Se alguém deve ser punido por esta situação ter corrido mal, é ele. Mas isso significaria que uma das preciosas famílias de descendentes divinos veria as consequências das suas ações, e isso é algo que Olimpo e os Treze nunca permitirão que aconteça.

Não é da minha conta. Posso saltar a pedido de Atena, mas não tenho o direito de fazer perguntas. Muito menos de exigir justificações ou mudanças ao plano.

Alguém no corredor, uma voz melodiosa eleva-se a conversar. Fico tensa por um longo momento até perceber que ela deve estar ao telefone. Pelo menos assim consigo determinar a sua localização.

Examino o espaço novamente, desta vez a pensar na encenação. O problema dos comprimidos é que ela tem de os engolir. Vou para a cozinha e verifico a garrafeira. Está meio vazia e há uma garrafa aberta na bancada. Cheiro-a e faço uma careta. Regra geral não bebo, portanto não faço ideia se o sabor do vinho encobrirá o amargo dos comprimidos. O cheiro é suficientemente desagradável para isso, mas se ela bebe vinho com regularidade, talvez não. E se ela beber apenas uns goles, pode não ser o suficiente para cumprir o objetivo.

Ainda assim, ela não vai sentir nada, mesmo que eu tenha de a sufocar depois.

Estremeço.

Tem de ser feito. Não tenho escolha.

Ouçõ atentamente, mas ela ainda está a falar com alguém mais adiante no corredor. Provavelmente no quarto. Ignoro a culpa que tenta roubar-me a coragem e verto cuidadosamente o frasco inteiro de comprimidos para a garrafa de vinho. Pego-lhe e faço-a rodar algumas vezes, esperando

que isso ajude o pó a dissolver-se.

A voz começa a aproximar-se pelo corredor.

Porra.

Olho em volta, agitada, mas os esconderijos são escassos. A única opção é atirar-me para trás do sofá da sala ao lado e esperar que ela não acenda as luzes. Agacho-me lá, tentando manter a minha respiração controlada e silenciosa, enquanto passos leves percorrem o corredor.

— Sim, paizinho, preciso de um vestido novo. Já falámos disto. Sim, já tenho um vestido azul, mas usei-o da última vez que fomos ao Dryad. Não podes esperar que eu use a mesma coisa duas vezes, ou podes? — O seu tom tem uma cadência coquete que me deixa tensa. Ela solta uma gargalhada alta e doce enquanto entra na cozinha. — Não te ponhas com jogos, paizinho. Sabes que preciso do dinheiro esta noite ou vão adicionar mais duas semanas ao prazo de entrega. Por favor? — Adota um tom brincalhão choramingado. — *Por favor.*

O seu telefone apita.

— Ah, *obrigada*. És o maior. — Baixa a voz. — Queres ver o que tenho vestido agora? Ou melhor, o que *não* tenho vestido? — Uma pausa. — Oh. — Ela soa quase normal. — Bom, tem uma boa noite.

A amante desliga o telefone.

— *Foda-se*. — Foi-se o tom açucarado e as palavras brincalhonas. Algo bate na cozinha. — Aquele cabrão. Aquele maldito *cabrão*.

Reteso-me. Com certeza ela não sabe. Como poderia saber? Deve pensar que ele está a ficar farto dela. Ninguém em sã consciência consideraria uma pequena rejeição como um sinal de que o seu amante pretende matá-la.

Ela desloca-se pela cozinha, mas é impossível adivinhar o que está a fazer. Ouve-se o tilintar de uma garrafa contra um copo, e tenho de engolir uma exalação de alívio. Duvido que ela consiga beber o resto da garrafa antes que os comprimidos façam efeito, mas tudo bem. Ela irá adormecer e nunca mais acordar. Será tranquilo.

Que grande consolo. Uma morte pacífica não deixa de ser uma vida extinta demasiado cedo.

Ela pragueja de novo e volta pelo corredor em direção ao que deve ser o seu quarto. Alguns minutos depois, sons musicais suaves chegam aos meus ouvidos. O melhor que tenho a fazer é esperar aqui durante algum

tempo e depois atacar, mas a curiosidade crava os seus dentes em mim e não me solta. Sei que não devia permitir-me humanizá-la, mas não consigo evitá-lo.

O que é aquele som? Não conheço instrumentos musicais melhor do que conheço vinhos. Não devia ter importância. Ela podia ter uma banda inteira no quarto que não faria diferença, mas, de repente, preciso de saber.

Saio do meu esconderijo e vou até à cozinha para verificar a garrafa. Metade do que havia lá dentro desapareceu. Isso é suficientemente bom, supondo que ela bebe tudo.

Mais uma vez, digo a mim mesma para esperar aqui.

Mais uma vez, ignoro o meu instinto, atraída pela música suave que parece envolver a minha cabeça e toldar os meus pensamentos.

O corredor é tão bonito como o resto da casa, embora eu note uma clara falta de fotografias. Em vez disso, ela tem peças de arte surpreendentemente temperamentais. Não que eu perceba muito de arte, mas quando paro diante de uma, o meu peito fica esquisito. Sinto-me... solitária.

Imaginação hiperativa.

Sacudo a cabeça e continuo até à porta do quarto parcialmente aberta, permitindo que uma nesga de luz quente e dourada se espalhe pelo corredor. Evito-a, inclinando-me para dar uma olhadela ao quarto. Não há razão para o fazer. Sinceramente, é melhor eu não a ver, mas isso parece ser uma falta de respeito.

Atena abanaria a cabeça se soubesse a direção dos meus pensamentos. Ela compartimenta os seus melhor do que qualquer pessoa que já conheci, e essa é a primeira lição que se esforça por incutir nos seus subordinados quando os contrata. «Ninguém dura muito tempo como membro das forças especiais de Olimpo sem sujar as mãos.»

Vejo a amante sentada ao lado de uma harpa gigante, os seus dedos a dedilharem as cordas e a criarem aquela música assombrosa que parece uma mão em volta do meu coração. Os meus pensamentos tropeçam uns nos outros como um comboio a descarrilar.

Ela é *linda*.

Oh, eu sabia que seria esse seguramente o caso, mas é absolutamente avassaladora. Tem cabelo escuro comprido e encaracolado e pele pálida e *curvas*. O tipo de corpo decadente que não está na moda agora, mas faz as minhas mãos suarem. Daqui, só consigo ver o seu perfil, só consigo

delinear a linha do seu nariz forte com a minha visão, fixar-me nos lábios carnudos que estão atualmente inclinados para baixo, num beicinho.

Também veste um roupão transparente e nada mais.

Vira-se um pouco em direção à porta, os seus dedos ainda a moverem-se e o olhar distante, e vejo os seus seios fartos com mamilos rosados e a sua barriga redonda e macia antes de olhar para o chão. Já é suficientemente mau eu estar aqui para... Bem. Não devia estar a galá-la desta maneira. É errado.

O pensamento quase me faz rir de uma forma horrível. *Errado* é um conceito tão estranho nesta situação.

A música diminui lentamente e ela encosta a testa à curva da harpa.

— Estou tão lixada.

Levanta-se e anda de um lado para o outro, aparecendo e desaparecendo da nesga do quarto revelada pela porta aberta.

Tem o copo de vinho cheio na mão.

A vontade de entrar lá, de tirá-lo do seu alcance, de lhe dizer para fugir daqui e nunca olhar para trás, quase me domina. Apenas a realidade fria e dura mantém os meus pés colados ao chão. Não há para onde fugir. A fronteira em volta de Olimpo só pode ser atravessada por alguns escolhidos, e eles são exigentes a respeito de quem deixam sair dos limites da cidade. A amante de Odisseu, uma mulher marcada para a morte tanto por Atena como por Zeus? Posídon e a sua malta entregá-la-iam sem hesitação.

A morte que ela sofreria seria muito pior do que a que planeei.

Já para não falar no que me vai acontecer se eu estragar tudo. Atena não tolera fracassos mais do que tolera idiotas. Há uma diferença marcante entre circunstâncias que terminam em fracasso, e permitir-se deliberadamente que um alvo fuja. Uma receberá uma reprimenda. A outra? Estremeço só de pensar nisso.

Não, não há escolha. Nenhuma outra opção.

Prendo a respiração quando ela para à porta. Faz girar o vinho tinto, olhando para ele com ar pensativo, e por fim leva-o aos lábios. O copo para antes que ela estabeleça contacto.

— Podes sair agora. Sei que estás aí.

Porra.

Calipso

Cometi um erro de cálculo bastante grave. Começara a desconfiar que o meu tempo com Odisseu estava a chegar ao fim. Ele gostava mais da ideia de ter uma amante do que gostava de lidar comigo como uma pessoa real, e a sua mulher, compreensivelmente, não estava contente por ele me exibir em todos os lugares que eles também frequentavam. Eu aconselhara-o a não ser tão ousado, mas Odisseu tem sempre a mania de que é mais esperto que os outros. Não me deu ouvidos.

Agora alguém decidiu tratar do problema da amante dele à moda antiga.

Olho para o corredor escuro, onde quase consigo distinguir a forma alta de alguém ali parado, uma vaga impressão de ombros largos, mas tudo o resto na sombra. Levanto as sobrancelhas. A pessoa não atacou, o que é um pequeno milagre.

Talvez ainda consiga sair disto.

Levanto o copo e faço girar o conteúdo.

— Foi uma boa jogada isto do vinho. Devo ter-te surpreendido quando voltei para a cozinha, porque não colocaste a garrafa exatamente onde eu a deixei. — Um pequeno gole confirmara que o vinho fora adulterado, embora eu não saiba se teria percebido se não estivesse à procura de algo estranho. A frustração fez-me abrir a garrafa um pouco antes, e estou suficientemente tocada para poder não ter dado pelo gosto estranho.

A pessoa não responde, mas também não se mexe. Tenho de falar depressa para atrapalhar quaisquer que sejam os seus planos. Diz-se que devemos destacar a nossa humanidade diante de um atacante ou raptor, mas tenho as minhas dúvidas quanto a isso. O homem com quem durmo há sete meses mal me vê como uma pessoa. Durante toda a minha vida, as pessoas procuraram usar-me ou possuir-me, como se usa ou se possui

um vaso ou uma pintura de valor inestimável. Não uma pessoa. Porque seria o assassino diferente?

— Foi a mulher dele que te mandou? — Penélope seria bem capaz disso. É demasiado esperta para acreditar que o marido me deixaria se ela o encurralasse, por isso fez uma jogada implacável e inteligente ao contorná-lo. Eu não esperava que ela estivesse disposta a matar, mas já se matou por menos.

Não espero uma resposta, mas recebo-a à mesma.

— Não. — A voz da pessoa é baixa e quase agonizante. — Não foi ela.

Não foi a mulher dele.

Então...

— Oh — faço com voz débil. Deuses, *isso* eu não esperava. Ou que doesse tanto.

Eu sabia que estava a correr um risco ao permitir que Odisseu me seduzisse e me enchesse de presentes, este apartamento e tudo o resto. Pensara tolamente que poderia sair ilesa. Devia saber que não seria assim. Voara demasiado perto do sol com ele.

— Acho que essa é uma forma de terminar um relacionamento. — Estendo a mão trémula para pousar o vinho na cómoda.

Demasiado tarde, percebo o erro de virar as costas à porta. Tento virar-me de novo, mas sou imediatamente envolvida num aperto forte que me prende os braços ao corpo.

— Solta-me. — Debato-me, mas a pessoa segura-me bem.

— Para de lutar — murmura.

— Acho que não. — Não fará diferença. É demasiado forte. Demasiado grande. Quase consigo virar a cabeça para lhe ver a cara quando a pessoa muda de posição e cobre os meus olhos com as mãos calejadas. Fico imóvel. — O que estás a fazer?

— Não podes ver-me.

Pestanejo contra a palma da mão, o meu cérebro a tentar funcionar enquanto o medo e o pânico surgem dentro de mim. Combato-os graças à prática. Entrar em pânico é morrer. Essa regra metafórica tornou-se literal neste momento.

— Põe-me uma venda.

— O quê?

É um risco, e nem sei se vale a pena, mas aceito qualquer pausa que conseguir.

— Põe-me uma venda. Prometo que não a tiro. Se não queres que eu veja o teu rosto, então não o verei.

— Não é assim tão simples. — Mas parece hesitar. — Isto correu tudo tão mal.

Solto uma gargalhada.

— Embora compreenda, aqui entre nós acho que a minha noite está a correr pior do que a tua. Acabei de descobrir que o homem com quem dormi há menos de vinte e quatro horas contratou alguém para me matar. — Abano a cabeça, as mãos a seguir o movimento e a continuarem a tapar-me os olhos. — Realmente não lhe devia ter dado a satisfação de fingir o meu orgasmo.

— Eu...

— Como posso chamar-te? — Estou a esforçar-me por distrair a pessoa, embora com pouca elegância, mas se lhe der tempo para pensar muito, ele pode optar pelo Plano B. Tenho a sensação de que o Plano B é uma morte violenta e sangrenta.

Outra hesitação.

— Podes chamar-me M — diz por fim com relutância.

M. Provavelmente uma primeira inicial. Odisseu deve achar que é bastante inteligente mandar outros fazer o seu trabalho sujo, o que significa que não se trata de uma pessoa ao acaso apanhada no bairro de armazéns da cidade alta. Também cheira a lavado, a hortelã e eucalipto. Não, trata-se de uma pessoa que seria chamada pelas famílias descendentes de deuses ou pelos Treze, o que significa que é uma das facas de Atena. A malta de Ares é mais segurança e soldados.

Num impulso, aperto-lhe o antebraço. Usa mangas compridas, mas consigo sentir as cicatrizes irregulares por baixo. O que significa que só pode ser uma pessoa. Ou melhor, é uma suposição razoável achar que Atena enviaria a sua melhor faca.

Medusa.

Foda-se.

Não vou sair disto viva.

Fecho os olhos e respiro devagar. Ninguém escapa a Medusa. Ela tornou-se uma espécie de lenda urbana em Olimpo. Alguns anos atrás, o

último Posídon tentou torná-la sua amante, apesar de ela alegadamente não estar interessada. Ele aceitou mal e houve um ataque, mas ela lutou para se libertar e entregou-se à misericórdia de Atena. Ou talvez Atena tenha intervindo. Os pormenores são um pouco confusos. Atena, sendo Atena, não ia ignorar uma ferramenta maravilhosamente feita para ser adicionada ao seu arsenal. Desde então, diz-se que a única vez que as pessoas veem Medusa é quando ela é a *última* coisa que veem.

É evidentemente um boato destinado a reforçar a reputação de Atena, mas não consigo afastar a sensação repentina de que não quero ver Medusa.

— Põe-me uma venda — repito. — Por favor.

— Fecha os olhos — diz ela por fim.

Obedeço. Não me atrevo a fazer mais nada.

— Já fechei.

Devagar, oh, tão devagar, as suas mãos afastam-se dos meus olhos. A tentação de olhar para ela é quase esmagadora, mas consigo lutar contra o desejo. Alguns momentos depois, um pano tapa-me os olhos e envolve-me a cabeça. Não consigo dizer exatamente o que é, mas aperta-me com força suficiente para que não entre luz alguma. Levanto as mãos para lhe tocar. Algodão. Uma máscara facial dobrada?

— Obrigada.

— Não me agradeças. Não, tendo em conta o que vim aqui fazer.

Matar-me.

Obrigo-me a sorrir.

— Sim, bem, ainda não o fizeste, portanto obrigada na mesma.

— Farei.

Ela notará a dúvida na sua voz? É praticamente um convite para a dissuadir. Ou talvez eu esteja iludida, mas tenho jeito para as pessoas e sou uma sobrevivente. Mesmo nesta situação menos do que ideal, não consigo impedir o meu instinto de encontrar as falhas dela e explorá-las.

— Costumas matar amantes de homens poderosos?

— És a minha primeira.

Recosto-me com cuidado à cómoda. Impossível dizer quais são as suas inclinações sexuais — nunca ouvi especular-se sobre isso —, mas não há mal nenhum em testar as águas. Arqueio um pouco as costas, deixando o roupão abrir-se mais, e sou recompensada com uma inspiração brusca.

— Gostas de mulheres, M?

— O quê? Eu... hum... Tu gostas? — Ela parece nervosa, o que eu não devia achar encantador, mas de alguma forma acho.

— Não tenho preferências quando se trata de género. Beleza é beleza. Ela aclara a garganta.

— A beleza não me favoreceu.

— Não te compete a ti dizer isso. — Não sei como ela é, mas não importa. Não para isto. — És forte. És inteligente. És implacável. Essas coisas são lindas.

— A sério? — Ela consegue recuperar o controlo o suficiente para soar desconfiada. — Toda a cidade de Olimpo discordaria de ti quando se trata de padrões de beleza.

— Toda a cidade é muito superficial quando se trata de imagem. — Encolho os ombros. O meu roupão escorrega de um ombro. Já é mais enfeite do que cobertura. — Também não me tem em grande conta. — Demasiado gorda. Demasiado ousada e sem vontade de se fingir virtuosa. Feições muito marcadas. — Sabes que o Odisseu se ofereceu para me pagar uma plástica ao nariz?

— Ele que se foda. O teu nariz é *perfeito*. — Ela parece perceber que sou demasiado enfática e tenta voltar atrás. — Ninguém pode olhar para ti e achar-te menos que perfeita.

Ah, sim, ela gosta de mulheres. Ou pelo menos não é imune aos meus encantos, o que é alguma coisa. Sorrio lentamente. Já enfrentei probabilidades piores e saí por cima.

— Sei que isto é pouco convencional, mas tenho um último pedido.

Uma pausa. Ela não se está a mexer, pelo que percebo, mas na verdade não a ouvi mexer-se até agora. É silenciosa como um gato. Finalmente, diz:

— Não é assim que funciona.

— Ai não? — Inclino a cabeça para o lado. — Costumas vendar os olhos das tuas vítimas e depois conversar com elas?

— ... Não.

— Foi o que me pareceu. — Não sei se lembrá-la de que sou sua vítima é uma coisa boa ou má, mas disponho de cartas limitadas para jogar. — Faz-me a vontade.

Ela suspira, e está tão exasperada que o meu sorriso ameaça mudar de encantador para genuíno. Para uma assassina, ela parece bastante fora do

seu elemento. Se a situação fosse diferente, acho que gostaria bastante dela.

Medusa pragueja.

— Bem, desembucha. Obviamente queres alguma coisa.

Apanhei-te.

— Quero-te a ti.

Ela faz um som engasgado.

— Isso não tem graça.

— Tal como saber que não viverei para ver a manhã. — Desta vez, não consigo manter o encolher de ombros descontraído. — Como referi anteriormente, o Odisseu é um amante egoísta.

— Não referiste isso.

— Eu disse que fingi. É a mesma coisa. — Afasto o cabelo do ombro. — Ele não gostava de partilhar, portanto suporrei sexo medíocre durante quase um ano. Se vou morrer às tuas mãos, prefiro fazê-lo bem saciada.

Ela ainda está a fazer aquele barulho deliciosamente chocado.

— Não. Nem pensar. Está fora de questão.

— Porquê?

— *Porquê?*

— Sim, porquê? — É tentador dar um passo em frente, tentar diminuir a distância entre nós, mas já estou a deixá-la constrangida. Se também a forçar fisicamente, ela pode empurrar-me pela janela ou coisa parecida. Estremeço com a ideia de cair trinta andares para um fim prematuro. — Achas-me atraente?

— Já estabelecemos que sim — resmunga ela. — Mas continua a ser errado. Sei o que estás a fazer e não vai funcionar. Isto só termina de uma maneira. — Ela baixa a voz, quase como se estivesse a falar sozinha. — Independentemente da minha opinião acerca do assunto.

Tal como suspeitei, ela está a hesitar. *Tem* de estar, para me ter dado a oportunidade de falar com ela. Um assassino que não sentisse um conflito ter-me-ia emboscado e acabado com o assunto depressa. Não sei no que estava Atena a pensar ao enviá-la, mas Medusa tem a reputação de fazer sempre o seu trabalho. Talvez ela não tenha percebido que a sua ferramenta mais afiada estava a ficar romba.

Gosto dela por essa hesitação. Gosto ainda mais por estar relutante em aproveitar-se de mim.

Infelizmente para ela, sou *eu* quem se está a aproveitar da situação.

— Acalma a tua consciência sabendo que me mandaste para o meu destino bem amada.

Ela gagueja novamente. Será que também cora? Aposto que sim. Sou uma tola porque isso me agrada demasiado. Depois de passar anos entre pessoas que consideram um motivo de orgulho comportarem-se como se fossem melhores do que os outros — melhores do que eu — e esconder as suas emoções e pensamentos, a franqueza de Medusa é bastante refrescante.

Por fim, ela aclara a garganta.

— Não posso acreditar que estejas a pedir isso. Nem sei o que responder. Isto é errado.

— Outro pecado para adicionar à lista. — Decido arriscar e dou um passo em frente. Ela não protesta, então, repito, só que desta vez deixo a minha perna dobrar-se.

Medusa apanha-me antes de eu cair ao chão.

Ela é forte. Mais alta do que eu uns bons quinze centímetros e com um corpo esculpido cheio de músculos. Faz sentido, dado o seu trabalho, mas não consigo evitar um som de apreciação enquanto percorro os seus braços com as mãos. Ela endireita-me com facilidade, mas parece não conseguir obrigar-se a soltar-me. As suas mãos estão sobre as minhas ancas como se ela quisesse tocar-me mais, mas se esforçasse por se conter.

No passado, sempre que fiz esta mesma oferta — embora por razões diferentes —, ninguém hesitou em saltar-me para cima para tomar o que eu oferecia antes que eu pudesse mudar de ideias. É irónico que seja uma assassina a hesitar, a reconhecer o motivo por detrás da oferta.

— Isto não está certo — murmura ela. — Não podes consentir quando estou aqui pelo... motivo por que estou.

Levanto as mãos para os seus ombros largos e passo os dedos pela sua clavícula.

— Muitas pessoas tomaram o que queriam com menos atenção aos meus sentimentos a respeito do assunto. — Envolvero o seu maxilar com uma das mãos e coloco a outra na sua anca para poder aproximá-la. Ela segue a minha orientação sem hesitar. — Por favor, M. Se esta for a minha última noite, não quero morrer com a lembrança das mãos *dele* em mim. Beija-me.

Medusa

Não sei o que está a acontecer.

Vim para cá com um plano, mas agora que o corpo macio de Calipso está encostado ao meu, tenho dificuldade em pensar em qualquer coisa além dela. Isto está tão para além de errado que não sei se há uma palavra para descrevê-lo. A venda devia torná-la menos poderosa, mas parece apenas encorajá-la. Puxa-me contra ela e, tola como sou, permito que isso aconteça.

Ela cheira mesmo bem. Um aroma floral subtil que seduz em vez de ser avassalador. *Tudo* nesta mulher seduz.

O seu roupão transparente já não cobria muito para começar, e está dobrado na curva dos seus cotovelos agora, deixando-a quase nua. Quase nua e encostada a mim.

— Não podemos.

Ela faz deslizar a mão do meu queixo para a parte de trás do meu pescoço.

— Por favor. — Para qualquer outra pessoa, pode parecer que ela está a implorar, mas parece mais uma ordem. Só a custo não me ajoelho quando ela me guia suavemente para baixo, cada vez mais perto do seu rosto. Dos seus lábios. — Por favor, M. Só uma pequena amostra. Ninguém saberá nunca.

Ainda estou a tentar arranjar um bom protesto quando ela me beija. Os seus lábios são tão macios como o resto e ela não perde tempo a abrir-me a boca. Ou talvez eu a abra para ela no primeiro contacto. Não consigo ter a certeza, pois a minha cabeça gira intensamente. Ela sabe a vinho tinto, mas de alguma forma consegue tornar isso uma coisa boa.

Não me quero mexer. Tenciono interromper o beijo e colocar uma distância muito necessária entre nós. Mas de alguma forma as minhas

mãos vão para o seu cabelo e estou a retribuir o beijo. Ela solta um pequeno gemido delicioso e puxa-me contra si com tanta força que batemos na cómoda.

Deuses, isto é um erro. Tenho de parar. Tenho...

Sinto uma picada na coxa.

Recuo, olho para baixo e vejo uma agulha a sair das minhas calças.

— O que... — A força abandona rapidamente os meus membros. —

Porra.

Calipso apanha-me, embora seja um pouco estranho e eu fique com o rosto encostado aos seus seios enquanto ela me coloca no chão, apoiada na sua cama.

— Desculpa, querida. No amor e na guerra vale tudo, e essas coisas.

— Ela encosta a minha cabeça ao canto da cama e consigo vê-la claramente.

— O que... — Não me consigo mexer. Por mais ordens que envie ao meu corpo, ele permanece inerte e absolutamente inútil. É com enorme esforço que consigo murmurar: — Mataste-me.

— Não sejas dramática. — Ela tira a máscara dos olhos e, deuses, ainda é mais bonita de perto. Os seus olhos são escuros e intensos e demasiado inteligentes. — É apenas um paralisante leve. Estarás fina daqui a uma hora. — Retira a agulha da minha coxa e atira-a para a cómoda. — Só o tempo suficiente para eu fugir.

Ela enganou-me. *Claro* que me enganou. Ninguém como ela se interessaria por alguém como eu, mesmo nas melhores circunstâncias, coisa que a minha chegada ao apartamento dela para a matar não é. Não posso culpá-la por se defender, mas as implicações deste fracasso são... muitas.

— Foda-se.

Calipso desaparece no *closet* e volta com uma mala. Impotente, vejo-a vestir calças de ganga, uma camisola de malha de aspeto caro e botas altas. A seguir faz várias viagens de ida e volta ao *closet*, enfiando uma quantidade realmente impressionante de roupa na mala. A casa de banho é a seguir, cosméticos e joias atirados para dentro da mala com uma surpreendente falta de cuidado.

Desaparece durante um longo momento e volta para o quarto com uma pequena mala preta, que entra na mala de viagem com mais delicadeza do que as outras coisas. Todo o processo levou, talvez, dez minutos,

provavelmente menos.

— Preparada para isto — consigo dizer.

— Quando se teve uma vida como a minha, sabe-se o valor de estar pronta para fugir a qualquer momento. Aquilo com o Odisseu nunca iria durar para sempre, mas eu não esperava que o covarde de merda me mandasse matar. — Deixa a mala junto à porta e volta para se deter aos meus pés. Aquele olhar escuro percorre-me, demorando-se nas minhas coxas, seios e, finalmente, no meu rosto, nas minhas cicatrizes. — És realmente linda, Medusa. — Ri-se quando me sobressalto. — Sim, adivinhei. Não foi muito difícil.

— Como?

Ela ignora a minha pergunta e baixa-se, apoiando uma mão no colchão ao lado da minha cabeça.

— És demasiado honrada para desperdiçar a vida como capanga da Atena.

— O q...? — Deuses, a minha boca não funciona. Mal consigo fazer a pergunta.

— Diz-lhe que fui para onde não podem alcançar-me e que não voltarei. — O seu olhar desce para a minha boca e devo estar a alucinar, porque juro que há ali desejo genuíno. — Mas se decidires que queres sair, atravessa o rio Estige e procura-me. Acho que podíamos divertir-nos. — Deposita um beijo leve nos meus lábios.

Depois vai-se embora, os seus passos a recuar e uma porta a fechar-se ao longe.

Dei cabo de tudo de forma *espetacular*.

Não acredito que caí no truque da sedução. Não acredito que *ainda* estou a cair, porque sinto o gosto de Calipso nos lábios, e uma parte não insignificante de mim quer segui-la através do rio Estige até à cidade inferior.

Atena nunca aprovaria. Nem mesmo para atar esta ponta solta. A cidade inferior é tradicionalmente território de Hades, só que não existe um Hades entre os Treze há qualquer coisa como trinta anos. O último morreu num incêndio, e não havia herdeiro. Ou pelo menos é o que consta. Está tão acima do meu nível salarial que chega a ser risível.

Mas, por qualquer motivo, o resto dos Treze não atravessa o rio e não se intromete nos assuntos da cidade inferior. Se Calipso pretende mesmo

que esse seja o seu destino, ela está efetivamente fora do alcance de Atena.
Significa que falhei.

Fecho os olhos e suporto os sentimentos conflitantes que isso traz. Eu sabia desde o início que matar Calipso parecia errado; não teria hesitado de outra forma. Nunca o fizera no passado, mesmo quando as mortes nas minhas mãos começaram a parecer demasiado pesadas para suportar.

Estou... aliviada.

Quando consigo voltar a mexer os dedos e, pouco depois, levantar-me, não tenho respostas. A tentação de seguir Calipso é forte, mas é tão tola como foi antes o impulso de beijá-la. Não a culpo por usar todas as ferramentas à sua disposição para garantir a sobrevivência, mas não sou ingênua ao ponto de acreditar que a oferta era genuína.

Suspiro e tiro o telemóvel do bolso. Não há como evitá-lo: tenho de fazer o relatório. Inspiro e expiro lentamente. Quando ligo para Atena, quase me sinto eu mesma de novo. Quase.

Ela atende ao primeiro toque.

— Que porra aconteceu, Medusa?

Falo num tom uniforme.

— Ela tinha-se ido embora quando cá cheguei. Parece que desconfiou de alguma coisa, porque fez as malas e arrancou. — Uma mentira, mas *não* vou contar a Atena o que realmente aconteceu.

— Arrancou e levou todo o dinheiro do Odisseu.

Esperta. Dou por mim a sorrir e tenho de me concentrar para tirar a expressão do rosto com medo de que se ouça no meu tom.

— Que maçada. Como é que ela aceitou às contas dele?

— Isso não é importante.

O que significa que Odisseu também está a pagar por mais essa arrogância. Aposto que deu a Calipso um cartão de débito ou algo assim, sempre a achar que ela nunca o usaria contra ele. Ela também foi rápida. Deve ter um contacto no banco, porque limpar-lhe as contas não é algo que se possa fazer num multibanco.

Atena fala antes de eu decidir se devo responder ou não.

— Encontra-a, Medusa. Recupera o dinheiro dele e elimina-a.

Viro-me para as grandes janelas com vista para o centro da cidade alta e franzo a testa. Não posso explicar exatamente que conheço o plano de

Calipso, mas talvez...

— Ela é demasiado esperta para ficar na cidade alta se lhe limpou as contas. Vai atravessar o rio para a cidade inferior.

— Normalmente isso seria suficiente, mas há circunstâncias especiais. Vai atrás dela, mas com cuidado.

Endireito-me. Talvez eu devesse ter previsto aquilo, mas estou sinceramente admirada.

— Nunca perseguimos ninguém até ao outro lado do rio.

— Estou ciente disso. — O seu tom não convida a desafios. — Trata disso. — Desliga sem dizer mais nada.

Olho para o meu telemóvel durante bastante tempo. Aquilo já parecia mau antes, mas agora o peso da ordem de Atena ameaça esmagar-me. Calipso foi inteligente e implacável e podia facilmente ter-me matado em vez de apenas me paralisar. Ela poupou-me, namoriscou comigo e a sua fuga *devia* ter sido suficiente para garantir a sua liberdade.

— Porque foste roubá-lo? — Enquanto faço a pergunta, desconfio de que sei a resposta. Ela queria fazê-lo sofrer pelo menos uma fração do que ele a fizera sofrer. Mesmo que fosse tão prática como parecia em relação à questão de ser amante, eu não conseguia imaginar o choque que ela sentira ao descobrir que era Odisseu o responsável por eu estar no seu apartamento para a matar.

Ela queria vingança, e não posso culpá-la por isso.

Isto é *errado*.

Pressiono as têmporas com as mãos e praguejo. Devo *tudo* a Atena. Nem sempre entendo as suas motivações ou ações, mas, quando as coisas apertaram, ela apoiou-me. Ignorar esta ordem, não fazer o que ela manda, significa desdenhar de tudo o que ela fez por mim. Ela acolheu-me, ensinou-me as competências de que eu precisava para sobreviver e assegurou-se de que não me faltava nada nos anos seguintes. Mais do que isso, garantiu que eu nunca mais teria de lidar com os Treze depois daquela experiência desastrosa com Posídon.

O que é uma mulher bonita e egoísta como Calipso comparada com toda aquela história?

Estranhamente, o pensamento parece uma traição, mas afasto-o. Vacilei antes e vejam o que aconteceu. Não posso dar-me ao luxo de fazer isso de novo. Sei para onde Calipso vai; ela praticamente convidou-me a

segui-la. Claro, tem um resultado distinto em mente, mas farei o que for preciso.

E se ver a vida desaparecer dos seus lindos olhos me enlouquecer?

Bem, esse é o preço que pagarei pela segurança.

Calipso

Olimpo é uma cidade que adora as suas lendas. Não posso falar por outras cidades, mas aqui elas parecem ter mais do que um pingo de verdade. O vento frio agita-me o cabelo em volta do rosto enquanto me aproximo da ponte do meio das três que cruzam o rio Estige. A ponte Cypress parece algo de fora do tempo, os seus pilares de mármore esticando-se bem alto.

A minha única oportunidade de sobrevivência está do outro lado.

Eu não devia ter provocado Medusa. Sinceramente, não devia tê-la deixado viva, mas, embora tenha cometido muitos pecados, o homicídio não está entre eles. Não podia começar com *ela*. Parecera muito chocada quando a encostei à cama, e eu não fora capaz de desviar o olhar. Os seus músculos são ainda mais impressionantes à vista do que ao tato, a camisola preta justa nos ombros e os bíceps bem definidos. A avaliar pelas calças, as suas coxas são absolutamente mordíveis. E o rosto dela...

Ela tem razão. Não era tradicionalmente bonita, mesmo antes de acontecer algo que a deixou cheia de cicatrizes. Não bonita ou fofa ou qualquer um desses adjetivos menores. Quando olhei para o rosto dela, a única palavra em que consegui pensar foi *forte*.

Consigo apreciar a força, mesmo que Olimpo não consiga.

Infelizmente, ela não é para mim. Atena tem-na com rédea muito curta, e a mesma honra que fez Medusa hesitar em magoar-me impedi-la-á de se livrar das algemas de Atena e vir ter comigo.

O que faria eu com uma assassina que, se não me engano, tem uma grande energia mas a cabeça vazia?

O pensamento traz um sorriso aos meus lábios, mas o frio afasta-o. Estou a empatar, e não me posso dar a esse luxo. Perdi muito tempo a esvaziar as contas de Odisseu e, como resultado, já não levo assim tanto avanço. Não posso esperar mais.

O primeiro passo na ponte quase me convence de que as histórias são um disparate, mas o segundo passo faz surgir a pressão. Não dói exatamente, mas quanto mais me afasto da margem da cidade alta, maior é a minha vontade de me virar e correr para fugir da sensação de ser espremida como um limão. Não me deixarei dissuadir. Baixo a cabeça e estugo o passo, chegando a meio do caminho em pouco tempo.

É quando a dor começa.

Tem início nas solas dos meus pés, pequenas alfinetadas afiadas que me fazem pensar que estou a andar descalça sobre vidro. Solução ao exalar, mas avanço. Estou quase lá. Se eu conseguir chegar à cidade inferior, todas as fontes dizem que estarei para lá da influência dos Treze. Estarei segura pela primeira vez na vida e terei dinheiro para garantir essa segurança. Posso ter a vida que *escolher*.

Essa determinação deixa-me a três metros do final da ponte.

É quando vejo o homem. Veste um casaco preto grosso com capuz, mas vejo o seu rosto enquanto ele me observa. É de raça branca e tem um queixo quadrado verdadeiramente impressionante e ombros largos que competem com os de Medusa.

Paro de repente, tentando ver no escuro o seu rosto quase oculto pelo capuz.

— Olá!

— Volta para trás.

Pois, é pouco provável. Hesito, analisando mentalmente as minhas opções antes de decidir dizer a verdade.

— Não posso. Se eu não chegar à cidade inferior, matam-me.

— Porquê?

É difícil concentrar-me com a dor que irradia pelas minhas pernas, mas dou o meu melhor. Tenho a sensação de que, se aquele homem me rejeitar, não terei outra oportunidade. Não sei quem ele é ou o que me dá essa impressão, mas o meu instinto trouxe-me até aqui, portanto não vou questioná-lo.

— A Atena e o Zeus querem-me morta porque um dos seus favoritos foi demasiado covarde para me abandonar como sua amante.

— Se estiveres a mentir, haverá consequências.

— Não estou.

Ele assente e dá um passo atrás.

— Então, vem. Já chegaste até aqui, consegues andar mais três metros. A dor torna-se agonizante, mas não vou chumbar nesse teste estranho. Assim que saio da ponte, ela desaparece como se nunca tivesse existido. Olho para trás, mas a ponte parece tão despreziosa como antes.

— Bela receção.

— Não encorajamos visitas sem convite.

Olho para dentro do capuz, e vejo olhos azuis.

— Então porque não fizeste o convite?

— Não sou eu quem manda. — Ele encolhe os ombros. — Agora estás segura. Se precisares de ajuda, posso arranjar-te um quarto temporário ou, se quiseres instalar-te, há alguns lugares com disponibilidade.

Assim sem mais nem menos. Parece demasiado fácil. Pestanejo.

— Eu podia ser um monstro que me recebias de braços abertos?

— Nem por isso. — Ele esboça um sorriso tenso. — A tua história será verificada. Se mentiste, eu mesmo te amarro e te deixo no outro lado do rio.

— Oh. — Nem sei o que dizer sobre isso. Passei a vida rodeada de pessoas desconfiadas e este desconhecido está a comportar-se de maneira diferente. Semicerro os olhos. — *És* um monstro à procura de uma presa saborosa e achas que sou fácil de apanhar?

— Ninguém que a atravessasse uma das nossas pontes é fácil de apanhar. — Ele vira-se e enfia as mãos nos bolsos. — Vens ou não?

Acontece tão depressa. Num momento, estou a calcular quais são as minhas hipóteses de encontrar um hotel ou algo parecido, e no seguinte aquele desconhecido está a levar-me para um vestíbulo acolhedor e convidativo. Atrás da receção encontra-se uma mulher do leste asiático, com o cabelo escuro comprido apanhado num rabo de cavalo, que veste uma camisola largueirona que só posso descrever como estilo avô. Ela olha para cima quando entramos com um sorriso luminoso.

— Caronte. Não esperava ver-te esta noite.

Ele baixa o capuz, permitindo-me vê-lo bem. Cabrão giro. Tem um maxilar que parece capaz de esmagar o punho de qualquer um que tentasse socá-lo e uma farta cabeleira escura. Sorri à mulher da receção.

— Ouvi dizer que fizeste bolachas, Sandra. Tens-me escondido coisas. Ela cora.

— Pepitas de chocolate.

— As minhas preferidas. — Caronte aponta para mim. — Sei que tens um quarto vago e eu tenho alguém que pode ocupá-lo. Se ela te causar problemas, liga-me.

Dirijo-lhe um olhar irritado.

— Não vou causar problemas. Estou apenas à procura de um lugar seguro para assentar.

— Podemos tornar isso possível. — Ela olha-me com interesse, mas, para minha surpresa, não me massacra com as perguntas que vejo no seu rosto. — Normalmente precisamos do primeiro e do último mês, mas como o Caronte te trouxe, podemos dispensar isso. — Ela debita os pormenores do contrato. É mais barato do que eu esperava, o que me faz pensar no estado do apartamento.

Mas quando Sandra nos leva ao andar de cima, Caronte atrás de nós a mastigar alegremente a terceira bolacha, descubro que é encantador. E mobilado, que é algo que realmente não me tinha ocorrido no meio da agitação.

Tem cerca de metade do tamanho do apartamento em que Odisseu me instalou, um espaço amplo com apenas a casa de banho à parte. O quarto é separado do resto do *loft* por uma tela dobrável com motivos florais que parece pintada à mão.

Existem dezenas de pequenos toques como esse. Um espelho com o que parece ser uma moldura esculpida à mão. Um cobertor de crochê dobrado sobre as costas de uma cadeira velha. Através das portas de vidro no armário da cozinha, vejo uma data de pratos e chávenas díspares, mas todos com cores a combinar. Alguém dedicou muito amor e carinho à decoração deste lugar.

— É encantador. Fico com ele.

Sandra sorri.

— Perfeito. Vou buscar a papelada.

Assim que a porta se fecha atrás dela, Caronte vira-se para mim.

— Como eu disse, vou verificar a tua história e os teus dados. — Passa a mão pelo cabelo escuro. — Mas se tiveres algum problema, liga-me. — Tira um cartão do bolso e entrega-mo.

É um cartão preto simples com o nome dele e um número de telefone e nada mais. Levanto as sobrancelhas.

— Muito misterioso da tua parte.

— Sou um tipo misterioso. — Qualquer outra pessoa que dissesse uma frase tão absurda tentaria dar-lhe um tom namoradeiro. Caronte, não. Di-la com a maior seriedade.

Não sei o que pensar disso.

Sinceramente, ainda não comecei a processar os acontecimentos da noite, desde o aparecimento de Medusa no meu apartamento até à fuga pelo rio Estige e a receção estranhamente calorosa.

— Controlas todas as pessoas que atravessam as pontes?

— Não pessoalmente. — Ele encolhe os ombros. — Não há muito movimento, portanto não é um trabalho a tempo inteiro. Por acaso estava na zona esta noite e fui notificado da tua travessia.

Com base no que ele disse, o homem tem algum poder, mas não é ele que manda. O que suscita a pergunta sobre quem manda na cidade inferior. Guardo a pergunta para depois. Terei muito tempo para saciar a minha curiosidade mais tarde. E será *apenas* curiosidade. Tenho dinheiro suficiente para nunca mais depender de outra pessoa.

Ainda não processei bem a rápida mudança na minha realidade, portanto também guardo isso para depois. Sorrio para Caronte.

— Sorte a minha.

— Sim, veremos.

Sandra escolhe esse momento para voltar a entrar com uma pilha de folhas nas mãos. Levo o meu tempo a lê-las, mas são um contrato de arrendamento relativamente padrão... Pelo menos até chegar ao último parágrafo. Bato com a caneta na folha.

— O que é isto?

— Um contrato padrão na cidade inferior — responde Caronte num tom cauteloso.

Leio-o uma segunda vez.

— Diz que todos os contratos podem ser rescindidos pelo líder da cidade inferior.

— Sim.

Levanto as sobranceiras.

— Eu não devia poder conhecer essa pessoa antes que ela me expulsa do meu apartamento?

— Não é assim que funciona. — Ele cruza os braços sobre o peito.

— Assina ou não assinas, mas todos os contratos de arrendamento e de

compra na cidade inferior vêm com essa cláusula. Ele não abusa dela, se é com isso que estás preocupada, mas é importante para a segurança de todos que tenha o direito de veto.

Ele.

Mais informações para arquivar. Talvez a cidade inferior não seja assim tão diferente da cidade alta como parecia à primeira vista. Nem Zeus tem esse tipo de poder sobre os cidadãos que vivem do outro lado do rio.

Lanço outro olhar ao apartamento. Enfim, não tenho muita escolha. Além disso, gosto deste espaço e Sandra parece ser uma senhoria encantadora. Assino com um floreado e entrego-lhe o contrato.

— Obrigada pela rápida aceitação.

— Sim, bem, o Caronte trouxe-te. Isso é melhor do que a maioria das referências que poderias arranjar. — Ela encolhe os ombros e dirige-se à porta. — Se quiseres descer comigo, eu dou-te as chaves da casa e do correio.

Não leva tempo nenhum. Enquanto regresso ao andar de cima, a minha mente ainda não processou aquela reviravolta nos acontecimentos. Não consigo evitar um sorriso tolo. Consegui mesmo. Não só fugi, como a situação parece bastante promissora.

Fecho e tranco a porta atrás de mim, parando apenas para deixar as chaves na tigela bonita em forma de flor na mesa ao lado da porta. Realmente, Sandra devia cobrar-me mais por esta casa, mas o que sei eu sobre os preços das rendas na cidade inferior?

Estou tão ocupada a examinar, encantada, o meu novo espaço, que não percebo que não estou sozinha até um braço forte me envolver a cintura e me puxar contra um corpo igualmente forte. Não tenho oportunidade de me debater, pois uma faca pressiona a depressão da minha garganta.

— Não faças nenhum disparate — diz Medusa baixinho ao meu ouvido.

Medusa

Eu não estava de bom humor antes, mas depois da conversa desastrosa com Atena e a subsequente perseguição de Calipso até à cidade inferior, estou decidida a acabar com esta treta.

— Põe as mãos à frente do corpo.

— Como me encontraste?

— Trouxeste o telemóvel contigo. — Fora necessário outro favor de Belerofonte, mas ele não se importou nada de a localizar rapidamente e passar a informação. Um erro de principiante de Calipso, que me faz pensar que ela está mais abalada do que parece.

— Não tenho nenhuma droga comigo, se é isso que te preocupa. — Calipso, maldita seja, soa quase tão serena por ter a minha faca na sua garganta como por estar de volta aos meus braços.

Espera, não. Não posso pensar assim.

— Porque tiraste o dinheiro?

— Mereci-o.

As suas palavras surpreendem-me tanto que me esqueço de segurá-la. Ela afasta o meu braço e dá um passo para a frente. Quando se vira para mim, fico mais uma vez impressionado com a sua beleza. É totalmente *errado* ela estar tão linda depois da noite que teve, mas está tão perfeita como sempre.

Percebo que ainda seguro a faca no ar e baixo o braço.

— Roubaste-o.

— Ele deu-me o cartão de débito. Esperava mesmo que eu não o usasse? — Encolhe um ombro. — O Odisseu gostava de se gabar de ser a pessoa mais inteligente onde quer que estivesse. Com certeza previu isto.

A sua lógica pode ter algumas falhas, mas ela pôs por palavras aquilo que pensei durante o telefonema com Atena.

— Tinhas de saber que eles não deixariam isso impune.

— Então, mandaram-te. De novo. — Ela inclina a cabeça para o lado, o cabelo comprido a deslizar sobre o ombro. — Desta vez vais terminar o trabalho?

A questão é essa, não é? Quero dizer-lhe que é claro que vou terminar o trabalho, mas estou com dificuldade até em segurar a faca e usá-la. Não... não consigo fazer isto.

— Devias ir-te embora — deixo escapar.

As sobrancelhas de Calipso erguem-se.

— Desculpa?

— O Posídon contrabandeia pessoas pelo preço certo. E o Tritão faz isso ainda com mais frequência. Tens dinheiro para sair de Olimpo. A Atena não me vai mandar atrás de ti se saíres da cidade. Nem mesmo o Zeus se vai incomodar contigo nessa altura.

Calipso observa-me com uma expressão estranha.

— És realmente honrada, não és?

— Talvez não devesse ter roubado ao Odisseu, mas não está certo o que andam a tentar fazer. — Dizer as palavras em voz alta parece traição. Mas aquela expressão estranha e suave não desaparece, e não posso iludi-la. — E não sou honrada. Tenho as mãos manchadas com o sangue de muita gente.

— Todos fazemos o que temos de fazer para sobreviver. Eu menti, enganei e roubei. Ninguém é inocente.

Perversamente, o facto de ela me defender só me faz querer ser mais teimosa.

— Essas coisas são perdoáveis, Calipso. O que eu fiz não é.

Ela estreita aqueles olhos escuros.

— Não gostas do que fazes.

Esta conversa desviou-se do rumo que eu pretendia seguir e não sei como recuperá-lo. Passo a mão pelo meu cabelo curto.

— Não importa se gosto do que faço. Estou a tentar tirar-te viva de Olimpo.

— Não quero sair daqui.

Hesito. Durante toda a terrível viagem pela cidade e pelo rio, o que me ajudou foi a intenção de libertar Calipso, mesmo que não tivesse sido capaz de admitir isso a mim mesma até agora. Se ela estiver além do

alcance de Atena, então não terei de escolher entre fazer a coisa certa e fazer a coisa que sou obrigada a fazer. Não me ajudará da próxima vez que tiver de fazer essa escolha, mas isto é um exagero, mesmo para Zeus.

Por outro lado, há rumores de que o homem matou as suas três mulheres.

Abano a cabeça.

— Tens de sair.

— Não. — Ela cruza os braços sobre o peito. — Para o bem ou para o mal, Olimpo é a minha casa. Acabei de assinar um contrato de arrendamento e a Sandra é demasiado simpática para eu a deixar pendurada.

Pestanejo.

— Quem é a Sandra?

Ela faz um gesto com a mão.

— Vai ter com a tua chefe e diz-lhe que não pode ser feito.

— Calipso — digo baixinho. — Estou na mesma sala que tu agora. Foi difícil atravessar a ponte, mas não impossível. A Atena é demasiado esperta para acreditar numa mentira esfarrapada como essa.

— Então diz-lhe que concluíste o trabalho e que eu estou morta.

— Ela vai verificar. E quando descobrir que estás viva, mandará outra pessoa.

Agora é a sua vez de pestanejar.

— Não confia em ti.

— Eu não disse isso.

Calipso afasta-se da beira da cama e dá um passo na minha direção.

— Não de forma taxativa, mas se a Atena verifica os teus trabalhos, é isso que significa. Ela não confia em ti.

Estremeço. Não consigo evitá-lo. Aquelas palavras magoam-me, e não porque estejam erradas. Preciso de encerrar isto agora. Não conheço esta mulher, e ela foi praticamente declarada inimiga da cidade alta. Atena e Zeus querem-na morta. Eu não devia mesmo estar a desabafar com ela.

Forço-me a desviar o olhar.

— Ela sabe que eu hesito de vez em quando. É normal que verifique isso. Ela é uma das pessoas mais poderosas de Olimpo, mas não manteria o título sem ser inteligente e implacável.

Desviar o olhar dela foi um erro, porque não vejo Calipso diminuir a distância entre nós até ela levantar o braço e pressionar dois dedos na parte

inferior do meu queixo. As suas unhas arranham-me levemente a pele enquanto ela me faz olhar para baixo e encontrar o seu olhar.

Espero escárnio. Ou choque. Ou até mesmo fúria.

Em vez disso, ela oferece empatia.

— Estás a tentar convencer-me ou a ti mesma?

— Para — sussurro. — Devo tudo à Atena. Não posso... não...

— Medusa.

O meu nome nos seus lábios deixa-me um pouco tonta, mas não de forma desagradável. Não sou inexperiente, mas todas as minhas aventuras e relacionamentos foram com pessoas como eu. Forças especiais. Ou, em alguns casos mais raros, soldados de Ares. Não eram pessoas macias, com curvas generosas e artisticamente bonitas como Calipso.

Ela é uma ave canora e eu sou...

Não conheço os pássaros assim tão bem, sinceramente. Um que seja predatório e vulgar.

Aclaro a garganta.

— Sim?

Ela ainda não tirou os dedos. É mais baixa do que eu. Mais fraca. Eu poderia interromper o contacto a qualquer momento. Em vez disso, Calipso mantém-me imóvel com dois dedos perfeitos. Está muito séria quando pergunta:

— Ainda me queres matar?

Eu devia mentir. Talvez se a assustasse, conseguisse fazê-la sair da cidade e fugir para um lugar seguro. Agora é o momento de atacar, de a apanhar desprevenida e garantir que o resultado final não contribui para os meus pesadelos. Se eu não eliminar Calipso, Atena enviará outra pessoa, e ela provavelmente não estará tão preocupada em poupar-lhe dor ou sofrimento.

Em vez disso, a verdade sai dos meus lábios.

— Eu nunca te quis matar.

Ela usa aquele pequeno toque no meu queixo para me curvar na sua direção, aproximando os nossos rostos.

— Eu sei.

Então, beija-me.

Não é como da última vez. Nego o pânico que sinto. Admiti a mim mesma — a ela — que não quero magoá-la. O alívio deixa-me um pouco

fraca, ou talvez seja o gosto dela na minha língua. O nosso beijo faz o meu queixo pressionar com mais força os seus dedos, mas ela não cede. A pequena demonstração de força excita-me.

Ela excita-me.

Calipso vira-nos e leva-me de costas para a cama, sem quebrar o beijo uma única vez. Só quando a parte de trás das minhas pernas bate no colchão é que ela para por tempo suficiente para eu me sentar. Olha para mim, os lábios inchados do nosso beijo, os seus olhos já toldados de desejo.

— Gostaria muito, mas muito, de te despir, e de passarmos o resto da noite a saborearmo-nos uma à outra. Podes voltar a discutir comigo de manhã, se quiseres.

Passo a língua pelos lábios, provando o seu gosto. As suas palavras são mais uma afirmação do que uma pergunta, mas dou por mim a concordar.

— Sim.

— Sim?

Dispo a camisola e atiro-a para o lado. Vi Calipso vestir-se há umas horas. Sei que ela tem um sutiã de renda por baixo da camisola, e cuecas a combinar sob as calças de ganga. Cada parte dela está perfeitamente arranjada e, embora eu aprecie isso, quero vê-la quando ela estiver desgredada e a perder o controlo.

Eu, por outro lado, trago um sutiã desportivo e cuecas de algodão aborrecidas. Ou pelo menos parecem aborrecidas até Calipso me devorar com o olhar. Ela enfia-se entre as minhas pernas e passa as mãos apreciativamente pelos meus braços.

— Tens tatuagens.

Para dizer a verdade, às vezes esqueço-me de que elas ali estão. Sigo os seus dedos enquanto ela percorre as linhas curvas das cobras a contorce-rem-se até ao punhado de cabeças no meu pulso, bocas abertas e presas a brilhar com veneno. Elas entrelaçam-se com as cicatrizes nos meus braços, não as cobrindo, mas também não as acentuando.

— Um lembrete.

— Do que és capaz. — Ela pega-me na mão e levanta-a para beijar cada uma das cabeças de cobra em volta do meu pulso. — Oh, Medusa, és tão deliciosamente dramática. Adoro isso.

— Não sou dramática.

Ela sorri.

— És, sim. — Calipso dá um passo para trás para se despir e ficar em cuecas e sutiã antes de retomar o seu lugar entre as minhas coxas. Aperta-me os pulsos e pousa as minhas mãos no seu corpo. — Toca-me. Não me vais magoar.

— Mas podia. — Não sei por que estou a discutir. Quero tocar-lhe, e não quero garantidamente magoá-la. Ela, de todas as mulheres com quem tive intimidade, compreende aquilo de que sou capaz. Já devia estar a fugir do quarto aos gritos ou a injetar-me algo mais permanente do que o que estava naquela agulha no seu apartamento.

— Mas não o farás.

Pouso as mãos nas suas ancas e puxo-a para mim. Os seus seios são cheios e pesados e quero-os desesperadamente fora daquele sutiã, por muito elegante que seja. Não sou a amante mais paciente, mas esforço-me agora, inclinando-me para a frente e percorrendo a borda recortada da renda com a boca.

Devagar. Consegues fazer isto devagar.

Faço descer as alças dos seus ombros, trazendo a renda com elas, até os seios estarem desnudos e os seus braços presos aos flancos. Inclino-me para trás para a observar. Passo a língua pelos lábios.

— Não sei por onde começar. És como uma... coisa muito fixe e cheia das minhas coisas preferidas e quero fingir que sou uma criança numa loja de doces com o teu corpo.

— Oh. Uau. Eu... — Calipso solta uma risada ofegante. — Tens jeito para as palavras, Medusa.

Procuro no seu rosto a expressão zombeteira com a qual estou tão familiarizada. *Não* tenho jeito para as palavras, não sou culta ou delicada ou qualquer coisa que seja exigida a funcionários públicos ou a pessoas que usam o seu encanto para se deslocarem em círculos traiçoeiros.

Mas ela não está a zombar de mim. Há divertimento na curva dos seus lábios, mas os seus olhos estão em brasa. Calipso enfia os dedos no meu cabelo curto e guia-me de volta para os seus seios.

— Gosto disso. Muito.

Os seus seios merecem adoração, e é com gosto que me ajoelho diante do altar do seu corpo. Arrasto a minha boca sobre as suas curvas, apreciando cada centímetro antes de passar para os mamilos. Ela puxa-me o cabelo enquanto brinco com ela, soltando finalmente um pequeno e deli-

cioso gemido quando as suas pernas cedem.

Não a deixo cair; agarro-a por trás dos joelhos e elevo-a para me montar. Prendo a sua boca num beijo enquanto faço deslizar a mão pela sua coxa até cobrir a sua coninha sobre as cuecas. A renda está encharcada. Custa a crer que ela esteja molhada para *mim*. Não mereço isto, mas sou suficientemente egoísta para não parar e perguntar como pode ela estar remotamente interessada em mim como eu estou nela.

Mas está. Isso basta. Acaricio-a por cima das cuecas, querendo que ela faça aquele som novamente, provocá-la até que ela esteja a tremer e a gemer e a implorar-me por mais. Mas quando se está a provar um bocadinho do paraíso, é impossível manter o controlo.

Ela está *tão perto* e eu quero-a tanto.

Faço deslizar os dedos para baixo da renda e enfio dois no seu calor húmido.

— Deuses — murmuro contra a sua pele. — Adoro sentir-te.

— E eu a ti. — Ela agarra os meus ombros, as suas unhas a cravarem-se na minha pele. Rola as ancas enquanto a exploro, procurando o ponto que a fará derreter-se para mim.

Quero desesperadamente que Calipso se derreta para mim.

A minha necessidade aumenta com uma força que me oprime. Não tencionava mover-me, mas o meu corpo assume o controlo. Ponho-me em pé, levantando-a enquanto o faço, e viro-me para a pousar na cama. Aqueles grandes olhos dela pestanejam, mas ela levanta avidamente as ancas sem dizer uma palavra para que eu possa puxar-lhe as cuecas de renda pelas pernas.

Obrigo-me a não ter pressa, a devorá-la com os olhos, a fazer uma pausa para despir as minhas calças. Passo as mãos pelas suas coxas grossas, parando sobre as pequenas marcas de estrias em que não tinha reparado antes. Há quem possa chamar-lhes imperfeições, mas elas apenas a tornam muito mais real para mim. Uma deusa, sim, mas uma mulher de carne e osso.

Uma mulher que eu gostaria que fosse minha.

Calipso

Tive muitos parceiros ao longo dos anos. Homens e mulheres e não binários, ricos e poderosos e suficientemente cruéis para que eu nunca esquecesse o meu lugar. Ou melhor, o meu valor percebido. O amor é muito bom, mas o amor não paga as contas e o amor não oferece o tipo de segurança que vem com o dinheiro. As minhas relações sempre foram transacionais, mesmo que a maioria dos meus parceiros fingisse o contrário.

Não tenho vergonha disso. Nem arrependimentos.

Mas o resultado é que, até este momento, nunca ninguém me tinha olhado como Medusa. Como se ela mal pudesse acreditar que eu permitira que as suas mãos tocassem o meu corpo. Como se ela estivesse prestes a beliscar-se por isto não poder ser real.

Isso provoca-me uma impressão no peito. Sou realista, mas não consigo identificar a emoção que surge dentro de mim em resposta à forma como ela passa as mãos pelas minhas coxas.

— Porque olhas para mim assim? — É uma pergunta que eu nunca teria feito a parceiros anteriores. Sou uma pessoa confiante e estou ciente dos meus atributos; ambas essas coisas atraíam o tipo de pessoa que eu permitia na minha cama. Mas isto é diferente.

Medusa é diferente.

— Porque me perguntas isso? — Ela abana a cabeça lentamente, o seu olhar a fixar-se no meu sexo. — Como podes perguntar-me isso quando sabes quem és e quem eu sou? É como se uma das deusas descesse da sua residência e abrisse as pernas para mim. Tens sorte por eu não ter desmaiado com o choque.

Adoro a franqueza dela. Talvez outros considerassem isso estranho, mas ela é honesta de uma maneira que parece revolucionária.

— Já te ocorreu que o sentimento é totalmente recíproco?

Ela pestaneja várias vezes antes de desatar a rir.

— Muito engraçado.

— Estou a falar a sério.

— Não, não estás. — Ela move-se entre nós. — Olha para ti. Olha para mim. Eu vi o tipo com quem andavas a dormir, e sei com quem se dizia que andaste antes dele. — Ela levanta a mão. — Não há problema. Não procuro mentiras doces ou tretas. Sei quem sou.

— Sabes mesmo? — Estendo o braço e seguro o seu maxilar. Ela tem razão. Não é bonita ou elegante ou qualquer uma das outras coisas que os meus anteriores amantes foram. Mas como pode ela olhar-se ao espelho e não ver o seu valor? Está escrito ali na linha teimosa do seu queixo, na maneira óbvia como ela trabalha o seu corpo até o transformar numa arma, nos músculos claramente definidos sob as belas tatuagens. Pelo amor de Deus, a mulher tem um *six-pack*, o que não é uma ocorrência comum.

O que me atrai nela vai além disso, no entanto.

— Com certeza não és suficientemente tola para pensar que a aparência importa mais do que o que tens aí dentro? És sincera.

— Desajeitada.

— Sinceramente desajeitada, então. — Encolho os ombros. — Desajeitada não é uma coisa má, Medusa. — Não preciso de perguntar quem a fez sentir-se inferior. Embora eu seja refinada e ponderada, passei a maior parte da minha vida muito consciente do pouco valor que tenho aos olhos daqueles que detêm os cordões da bolsa em Olimpo.

Consigo vê-la a arranjar mais argumentos e sinto uma certa angústia pelo facto de aquela mulher ter sido tão rebaixada que não acredita num simples elogio. Que ache que poupar a minha vida é algo a esconder e de que se envergonhar, porque supostamente está a falhar na sua missão para Atena.

Como se Atena não fosse tão má como qualquer outro membro dos Treze. Ela pode ter salvado Medusa há todos aqueles anos, mas não o fez por ser boa pessoa. Fê-lo porque era uma oportunidade de se vingar do último Posídon, com quem ela tivera problemas. E se com essa decisão ganhasse um animal de estimação leal? Era suficientemente esperta para ver o valor disso.

Não sei se Medusa está pronta para ouvir essas coisas. Provavelmente

também não é de mim que ela as quer ouvir.

Em vez disso, beijo-a.

Sem mais nem menos, a sua hesitação desaparece e ela deita-me de costas, o seu peso um contraponto reconfortante pois tudo parece flutuar com a sua boca a mover-se contra a minha. Ela toca-me como se nunca fosse ter o suficiente. Da minha parte, eu agarro-me à sua força mesmo enquanto ela beija o meu corpo.

Ela demora-se nos meus seios, excitando-me com uma língua experiente até eu estar a tremer e a gemer. Só então continua a descer, depositando beijos na minha barriga enquanto me abre as coxas. A sua exalação suave é um nadinha trémula, como se a mera visão de mim, molhada e à espera dela, bastasse para afetá-la profundamente.

Eu podia ficar viciada naquele som, na sua apreciação profunda. É totalmente recíproco, e eu quero que ela se sinta tão valorizada como está a fazer-me sentir neste momento.

— Medusa...

Ela desce para depositar um beijo de boca aberta no meu centro e eu esqueço-me de falar. Medusa pode ser deliciosamente desajeitada com as palavras, mas sabe o que faz naquele ato que não requer a fala. Adora-me com a boca, explorando-me com movimentos lentos da sua língua antes de se mover para se focar no meu clitóris.

— Devagarinho — gemo. — Sou muito sensível.

Ela dá uma risada satisfeita. Eu devia saber apenas por aquele som que ela não tenciona mostrar misericórdia, mas ainda assim consegue surpreender-me. Há uma parte distante do meu cérebro, uma parte de mim que nunca consigo desligar, que diz que preciso de parar com isto, virá-la e mostrar-lhe exatamente do que sou capaz.

Que se eu o não fizer, ela se vai embora.

Medusa escolhe esse momento para enfiar cuidadosamente dois dedos em mim, e depois um terceiro. Olha para cima, com uma expressão intensa.

— Demasiado?

— O problema não é esse. — Eu poderia rir-me se tivesse fôlego. — Anda cá. Deixa-me cuidar de ti.

O seu sorriso é lento e de alguma forma intenso e doce.

— Quando foi a última vez que alguém cuidou de ti, Calipso? — Ela

roda o pulso e bate com os dedos no meu ponto G. — Se eu fizer alguma coisa de que não gostes, diz.

Mal consigo pensar além do prazer que cresce dentro de mim em ondas cada vez maiores. Não consigo compreender como é que Medusa parece perfeitamente contente em dar, em vez de esperar que seja uma troca desigual a favor dela.

— Não farás algo de que eu não goste.

— Mesmo assim.

Humedeço os lábios. Ela ainda não parou de acariciar o meu ponto G. Gemo.

— Eu digo. Prometo.

— Ótimo. — Ela acomoda-se mais confortavelmente entre as minhas coxas e volta a dedicar toda a atenção ao meu clitóris.

É demasiado bom. Vou perder o controlo.

Sinto a tentação de empurrá-la para longe, de fazer o que for preciso para recuperar a vantagem. A ideia de que *não* há vantagem neste cenário? De que somos apenas dois seres iguais a partilhar prazer? Mal consigo compreendê-la. Fecho as mãos nos lençóis para não fazer algo tolo e é como se essa única submissão criasse uma cascata de outras.

Não há mais nada a fazer a não ser desfrutar do passeio.

Medusa encontra o movimento exato que faz com que todos os músculos do meu corpo fiquem tensos e quentes e repete-o uma e outra e outra vez. Não quero gritar, mas já não controlo o meu corpo. O prazer percorre-me, e quando me venho, é com o nome dela nos lábios.

— *Medusa.*

Por um momento, acho que ela não vai parar. Mas lentamente traz-me de volta à terra com beijos cada vez mais meigos antes de tirar os dedos de mim. Encosta a testa à parte inferior do meu estômago, a sua respiração tão ofegante como a minha.

— Pelos deuses, Calipso. Eu podia ficar viciada em ti.

Fá-lo.

Cravo os dedos no seu cabelo curto e puxo. Desta vez, ela deixa-me içá-la para cima do meu corpo e acomoda-se em cima de mim, as nossas pernas entrelaçadas. Eu já devia estar saciada por ter tido um orgasmo tão forte, mas ele só aumentou o meu desejo por ela. Verto esse desejo num beijo, ficando embriagada com o gosto de mim mesma nos seus lábios.

Medusa emite um pequeno gemido e então os seus braços rodeiam-me. Ela puxa-me mais para si, envolvendo-me com a sua força. É só quando a sua coxa forte desliza entre as minhas que percebo o seu objetivo.

Interrompo o beijo.

— Quero que te venhas.

— Mais tarde — murmura ela contra os meus lábios. Agarra a parte de trás de um dos meus joelhos e prende-o em volta da sua cintura, guiando-me para montar a sua coxa.

— Beija-me.

Estremeço ao ver a expressão intensa nos seus olhos escuros.

— Não percebo porque não aceitas o que quero dar.

— Porque, Calipso... — Ela deposita um beijo num canto da minha boca. — Sinto prazer quando te vejo ter um orgasmo. — Beija o outro canto da minha boca. — E as pessoas tiraram-te isso há muito tempo.

— Mas...

— Temos a noite toda. — Ela mordia o meu lábio inferior. — Não me apresses.

De todas as coisas que ela poderia dizer, aquela faz-me rir.

— Deuses me livrem.

— Já estás a perceber a ideia. — Ela continua a balançar-me contra ela. — Agora, beija-me.

— Mandona. — Envolvero o seu pescoço com os meus braços e puxo o seu rosto para o meu. Ela beija-me da mesma forma que me toca; como se eu fosse algo, alguém, inestimável. Firme, sim, mas a ternura deixa-me a cabeça à roda. Gostava de poder culpar o orgasmo que floresce dentro de mim pela deliciosa fricção da sua coxa musculosa, mas não é ele a fonte do calor que se espalha pelo meu peito.

Receio bem que esteja a apaixonar-me por Medusa.

Medusa

Não sei se acredito nos deuses e nalguma vida abençoada após a morte, mas chego o mais perto possível disso no momento em que Calipso se desfaz nos meus braços, encharcando a minha coxa com o seu desejo. Ela ofega contra os meus lábios, a sua pele húmida de suor e o seu cabelo revolto.

Nunca foi mais bonita para mim.

Eu esperava o desejo que arde mais quente entre nós a cada momento que passa. Não esperava a ternura. Nem sabia procurá-la. Com certeza não antecipei sentir-me tão protetora ao ver a vulnerabilidade nos seus olhos escuros.

Isso só prova o que eu soube desde o momento que Atena deu a ordem; nunca ninguém cuidou de Calipso. Ela tem cuidado de si própria e não deixou ninguém aproximar-se. Tendo em conta as circunstâncias atuais, não a culpo. Mas quero protegê-la. Quero envolvê-la na minha força e ficar entre ela e qualquer dor que o mundo queira atirar na sua direção. É um pensamento fantasioso e creio que não lhe agradaria, mas não posso lutar contra o meu cérebro. Ou o meu instinto.

Se ela não me permitir ser o seu escudo, então terei de cuidar do seu corpo da única maneira que ela me permitir.

Falei a sério: temos a noite toda e tenciono aproveitar cada minuto antes do amanhecer, embora isso me faça sentir coisas que não estou pronta para sentir.

Apesar de estar concentrada em seguir as reações dela, não devia ter-me surpreendido quando ela me vira inesperadamente. E fê-lo bem. Num segundo, estou a planear outra descida entre as suas coxas e no seguinte estou de barriga para cima, a pestanejar.

— Fizeste isso bem.

— Obrigada — arqueja ela. Monta o meu estômago e, por mais que eu goste de estar por cima, não posso negar a alegria que sinto ao vê-la nua e desgrenhada. Engancha os polegares sob o meu sutiã. — Despe-te. Quero-te nua.

Desta vez, não discuto. Ela não se mexe enquanto luto para tirar o sutiã e as cuecas, o que não torna a tarefa mais fácil, mas gosto do peso dela a segurar-me tanto como gosto de estar em cima *dela*. Além disso, ela continua a tocar-me. Percorre com os dedos a minha clavícula, a inclinação dos meus ombros, as linhas ténues dos meus abdominais. Eles parecem encantá-la sem fim, e tenho de lhe dar uma palmada na mão.

— Tenho cócegas.

— Ai sim? — O seu sorriso torna-se travesso. — Que sorte para mim.

— Calipso... — O meu protesto dissolve-se em gargalhadas impotentes enquanto ela me fez cócegas. É... divertido. E antes que seja de mais, as suas mãos cobrem os meus seios. Não sou tão dotada como ela, mas ela parece não se importar.

Agita os *piercings* nos meus mamilos ao de leve.

— Medusa, és um tesouro de delícias.

Mordo a língua antes de revelar o que mais perfurei. Se ela está tão satisfeita com os mamilos... mal consigo terminar o pensamento. Inclina-se e agita um e depois o outro com a língua.

— É verdade que assim ficam mais sensíveis?

— Não sei se existe uma regra universal.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Não me interessam os mamilos perfurados das outras. Interessam-me os teus.

Não há razão nenhuma para aquela afirmação me fazer derreter. Nenhuma mesmo. Opto por um sorriso.

— Estão mais sensíveis.

— Adorável — sussurra ela. Começa a descer e faz uma pausa. — Se eu fizer algo de que não gostes, diz.

É a mesma coisa que eu lhe disse, mas parece importante. Meiga. Preocupada. Ela lambe os meus abdominais e abre-me as coxas. Depois fica imóvel.

— Aqui também?

— Sim — consigo dizer. — Pareceu uma boa ideia na altura.

— És realmente cheia de surpresas. — Exala contra o meu clitóris e, em seguida, passa a língua contra o *piercing* que ali tenho. — Uma verdadeira delícia.

Em breve, descubro que Calipso é uma grande provocadora. Brinca com o meu corpo, dedilhando-me para me encher de desejo... e a seguir indo deleitar-se com outra parte de mim. O meu orgasmo é frustrado uma e outra vez, o prazer sempre a aumentar. Não tenho palavras para descrever o que ela está a fazer.

Parece-se muito com ser amada, mas nem eu sou suficientemente tola para confundir sexo com emoção. Creio.

Finalmente ajoelha-se entre as minhas coxas, a sua pele pálida corada e o cabelo afastado do rosto.

— Saíste-te muito bem, amor.

— Calipso, *por favor*. — A ideia de que ela pode deixar-me pendurada neste abismo precário faz o pânico vibrar na minha garganta. — Não pares.

Os seus lábios curvam-se docemente.

— Não vou parar. — Introduz dois dedos em mim e com a outra mão pressiona a parte inferior do meu estômago, num ângulo que lhe permite chegar ao meu clitóris com o polegar. Calipso observa-me enquanto guia o meu corpo cada vez mais alto até o único rosto que vejo ser o dela. Tenho um orgasmo tão intenso que acho que desmaio.

Apercebo-me dela a murmurar numa voz melodiosa enquanto passa as mãos pelo meu corpo antes de se instalar ao meu lado, aconchegando-se debaixo do meu braço como se esse tivesse sido sempre o seu destino. A mim parece-me que sempre foi, mas isso deve ser a felicidade pós-orgástica a falar.

Não há nenhuma realidade onde uma mulher como Calipso olhe realmente para mim como se eu fosse alguém que ela poderia amar, mas as substâncias químicas sexuais fazem coisas engraçadas aos cérebros. Nunca tinha ouvido dizer que faziam uma pessoa alucinar, mas aqui estamos.

Isso não me impede de a puxar para mim.

— És um milagre.

— Dificilmente. — Ela ri-se contra a minha garganta. — Como podes manter essa conversa inocente, enquanto fazes o que fazes para a Atena?

O lembrete deixa-me mais sóbria, mas só um pouco. Olho para o teto e deixo o peso reconfortante desta mulher em cima de mim convencer o meu coração de que não precisa de galopar. Só funciona às vezes.

— Não sei do que estás a falar.

— Sabes, sim. — Descreve desenhos preguiçosos com as pontas dos dedos no meu braço. — És *bondosa*, e não digo isso como um insulto. As pessoas boas em Olimpo são mais raras do que diamantes.

Fico tensa, presa entre querer fugir desta conversa e não querer que ela pare de me tocar como se eu fosse alguém valioso. Ela *sabe* do que sou capaz, então chamar-me inocente parece uma parvoíce. Mas Calipso fala a sério.

De alguma forma, isso quase torna tudo pior.

— Já falámos disto — resmungo. — Matei muita gente. Não sou boa pessoa. Se procurares «más pessoas» no dicionário, com certeza os assassinos estão lá listados.

— Má pessoa não é um termo no dicionário. — Ela aproxima-se mais, pondo uma das suas pernas sobre as minhas. — Não fujas. Estou a falar a sério.

— Eu também.

Calipso fica em silêncio algum tempo, e o movimento constante dos seus dedos acalma a tensão do meu corpo. Não tenho energia para continuar a falar, embora consiga perceber que ela está apenas a pensar numa forma de abordar o assunto de um ângulo diferente. A questão é que... não sei porque ela se importa tanto. Mais ninguém se importa se eu acho que sou boa ou má. As pessoas só se importam com o que posso fazer por elas. Não espero exatamente a mesma coisa de Calipso, mas os velhos hábitos costumam a desaparecer.

Finalmente, ela diz:

— Eu cresci sem nada. Acho que os que estão no topo se esquecem de que não é assim para todos, mas mesmo que os meus pais tenham feito o melhor e se tenham esforçado ao máximo, mal tinham dinheiro para sobreviver. Talvez seja egoísta ou materialista, mas vi a minha mãe trabalhar como uma escrava, vi como isso a desgastava mês após mês, ano após ano.

Ela interrompe-se, e não posso deixar de expressar a minha compreensão.

— Os meus pais eram estivadores... ou são estivadores, acho. Esforçaram-se muito para esconder... bem, como tudo era difícil, mas comecei a perceber na adolescência.

— Sim. — Ela suspira. — Eu tinha grandes sonhos, sabes? Esfalfei-me, tirei notas muito boas e fui aceite na universidade com uma bolsa de estudos integral. — Não precisa de dizer que universidade; existem vários colégios na cidade alta, mas apenas uma universidade. Colégios e universidades sempre me pareceram a mesma coisa, mas os primeiros aceitam toda a gente, enquanto a universidade parece ser apenas povoada pela elite, com meia dúzia de gatos-pingados que não nasceram na família certa. Calipso suspira. — Foi preciso menos de um trimestre para me colocarem no meu lugar.

— Lamento.

Ela continua, as suas palavras a saírem mais depressa.

— A bolsa cobria apenas o básico, portanto eu tinha de arranjar dinheiro para os livros e todas as outras pequenas despesas que crescem muito rapidamente. Tentei trabalhar, mas depois as minhas notas sofreram com isso. Então um dos professores veio ter comigo.

— *O quê...?*

— Não fiques tão chocada. É muito mais comum do que pensas. — O seu corpo fica tenso. — De início, resisti. Mas ele continuou a oferecer-me pequenos presentes... pequenos presentes *caros*. Deixei... deixei-o seduzir-me depois disso. E a seguir ele começou a comprar os meus livros e a pagar as coisas de que eu precisava. — Levanta a cabeça e olha para mim. — Não era um homem terrível. Esta coisa com o Odisseu pode dar uma ideia errada, mas não tenho o hábito de dormir com pessoas que me tratam mal. Só que os meus relacionamentos foram mais explicitamente transacionais do que a maioria.

Faço-lhe uma festa no cabelo.

— Não estou a julgar-te.

— A maioria das pessoas julga.

— Acho que estabelecemos que a maioria das pessoas é uma merda.

Ela solta uma risada.

— Acho que sim. Avaliei mal o Odisseu. Sabia que nunca seria permanente, mas ele é encantador à sua maneira. Deixei-o convencer-me de que era amor.

E a seguir ele mudou de ideias e mandou-a matar.

Puxo-a para mim, desejando mais uma vez poder ficar entre ela e todos aqueles que a usaram e a magoaram.

— Mereces ser valorizada por mais do que as quecas que dás, Calipso. — Franço a testa. — Percebo que parece muito hipócrita, tendo em conta o que acabámos de fazer, mas estou a falar a sério.

— Eu sei. — Ela deposita um beijo rápido na minha garganta. — Como eu disse antes, não sou inocente. Talvez não tenha feito exatamente as mesmas coisas que tu, mas compreendo que às vezes há que fazer o que for preciso para sobreviver. Não há vergonha nisso.

Ela está sempre a dizer isto, mas as escolhas que fez e as que eu fiz são marcadamente diferentes. Ela ofereceu-me o seu passado, a sua verdade, e só me resta contar-lhe também um pouco da minha vida. Expiro lentamente.

— Eu disse que os meus pais eram estivadores, certo? É uma coisa geracional. Eu não era como tu. Não tinha grandes objetivos. Sou uma pessoa esforçada e boa nas coisas físicas, mas na escola passava à tangente todos os anos. Estava a visitar os meus pais quando tinha dezoito anos e foi nessa altura que conheci o Posídon... o último Posídon. — Segundo consta, o atual não é exatamente como o pai, mas o que sei eu? Fiz um grande esforço para evitá-lo e ao resto dos Treze, tirando Atena.

Franço a testa para o teto. É um teto bonito. Sem manchas de água ou zonas desbotadas.

— Ele decidiu que gostava da minha aparência, e eu não sou boa com palavras nem subtil. Mandei-o à merda, disse que não estava interessada. Ele... não aceitou bem. — O eufemismo do século. — Bateu-me. Várias vezes. E eu era demasiado teimosa para cair mesmo quando ele sacou de uma faca, o que podia ter parado o ataque. Ou não. Talvez o tivesse apenas tornado mais ousado. Ninguém interveio. Nem os outros estivadores, nem mesmo os meus pais. Porque ele era a porra do Posídon e os Treze podem fazer o que quiserem.

— Ah, Medusa.

Agora é a minha vez de falar depressa, de expulsar as palavras para que a história acabe.

— Não sei o que a Atena estava a fazer nas docas naquele dia, mas se ela não tivesse intervindo, acho que ele me teria matado. Ela salvou-me.

Levou-me para o escritório dela, coseu-me e fez-me os pensos, e ofereceu-me um emprego com a promessa de que eu nunca teria de voltar a vê-lo. — Pestanejo para reprimir as lágrimas. — Os meus *país* não tentaram ajudar, Calipso. Eu... talvez um dia supere a sensação de traição, mas não sei. Já não falamos muito.

— Não te culpo — murmura ela. — E percebo que sintas que estás em dívida para com a Atena, mas há quanto tempo aconteceu isso?

— Doze anos — sussurro.

Atena não me mandou trabalhar imediatamente. Foram precisos vários anos de treino para ela decidir que eu estava pronta. Eu era ainda tão ingénua como Calipso sem dúvida acha que sou agora; acreditava sinceramente que me juntaria às forças especiais, sob o comando de uma das pessoas que tanto admiro. Não me ocorreu que era estranho que ela me mantivesse à parte, e só contactasse com os meus instrutores. Não posso fingir que teria feito diferença.

Atena salvou-me. Eu adorava o chão que ela pisava.

Só há pouco tempo me apercebi das rachas nas lajes sob os meus pés.

Calipso

Medusa adormece nos meus braços. Sou demasiado cética para acreditar que isto pode ser amor ao fim de algumas horas, mas não posso negar a ligação que sinto entre nós. Talvez se deva aos nossos traumas. Talvez seja algo mais. Não me interessa. Tudo o que sei é que não estou disposta a desistir sem lutar.

Quero-a comigo, para continuar esta coisa entre nós até descobrirmos onde acaba. Mas, ainda mais do que isso, percebo que os trabalhos que ela faz para Atena estão a sugar-lhe a vida. Não é o mesmo tipo de coisa que eu testemunhei em pequena com os meus pais, mas é suficientemente parecida para que eu a reconheça na maneira como ela se comporta, como fala, como está desesperada por garantir que eu saio disto viva.

Ela fez a sua parte. Poupou-me no meu apartamento e novamente aqui. O plano dela pode não ser aquele que eu pretendo seguir, mas *é* um plano.

Estou empenhada em arranjar um consenso e fazer o que for preciso para garantir que ela não sinta que a sua única opção é voltar para Atena.

Deixo-a na minha cama nova, o seu grande corpo completamente inerte, com uma descontração que me comove. Independentemente do que ela pensa, *há* nela um tipo estranho de inocência. Ou talvez não seja inocência. Talvez seja uma pureza de carácter. Não consigo defini-lo, mas atrai-me na mesma. Ela é tão *honest*a.

O cartão de Caronte está no bolso de trás das minhas calças de ganga e olho para ele durante bastante tempo. Não é da minha natureza confiar. Se a vida me ensinou alguma coisa é que toda a gente tem segundas intenções, e aqueles que estão no poder usam-nas para conseguir o que querem — mesmo que isso signifique pisar quem está abaixo deles. Talvez até especialmente nessa altura.

Ele não pediu nada quando me deu este cartão, ou quando me trouxe para este prédio. Custa-me a crer que o tenha feito desinteressadamente, mas, mesmo estando apenas há algumas horas na cidade inferior, tenho a impressão de que me encontro num sítio diferente da cidade alta.

Pedir ajuda a Caronte é um risco. Ele é capaz de exigir um preço demasiado alto.

Aperto o cartão até as pontas ficarem impressas nos meus dedos e olho de novo para Medusa. Não há como escapar a esta vida. Mesmo que eu deixasse Olimpo — se a convencesse a vir comigo — não imagino que o mundo exterior seja de alguma forma mais meigo do que o que temos aqui. Será apenas diferente.

É melhor lidar com as coisas aqui e agora em vez de pedir um desejo a uma estrela cadente.

Inspiro, sustenho a respiração cinco segundos e solto-a lentamente. Quando ligo para o número no cartão, sinto-me um pouco mais como antes. Consigo fazer charme. Consigo fazer o que for necessário para garantir a nossa segurança, mesmo que perca a fantasia incipiente de um futuro com Medusa. Vale a pena se ela estiver segura, se estiver livre. Se ambas estivermos.

Caronte atende ao segundo toque, a sua voz pesada de sono.

— Estou?

— Tu não és o responsável pela cidade inferior.

Uma pausa. Quando ele volta a falar, parece alerta e desconfiado.

— Ligaste-me a meio da noite para me dizer algo que já sei?

— Não. — Respiro fundo, lanço um último olhar a Medusa e aposto tudo. — Pensei que atravessar o rio seria suficiente para deter os meus perseguidores. Não foi. Preciso de ajuda.

Outra pausa, mais longa desta vez.

— Esta noite?

Recuso-me a abdicar de um momento com Medusa se não for preciso.

— De manhã ainda vai a tempo.

— Estou aí às oito. — Ele hesita. — Não garanto nada, mas posso pôr-te diante de alguém capaz de ajudar. Depois disso, é contigo.

Alguém capaz de ajudar.

O líder da cidade inferior.

Parece que amanhã será resolvido um mistério, embora eu não me

consiga alegrar com a descoberta. Não é apenas a estranha fronteira que delimita o rio Estige que mantém as pessoas — e os Treze, em particular — fora da cidade inferior. Seria preciso um líder forte; alguém como o último Hades e a sua linhagem, que remontava à fundação de Olimpo, tal como com os outros membros dos Treze.

Mas Hades está morto e enterrado.

— Obrigada — consigo dizer.

— Não me agradeças. Ainda não fiz nada. — Ele desliga antes que eu possa argumentar.

Amanhã, hei de considerar que Caronte acha que vários gestos bondosos não são nada. Ele pode estar a tentar manipular-me, mas não me parece. Creio que isto é genuíno, embora não imagine o que significa.

Uso a casa de banho, bebo um gole rápido de água e volto para a cama. Medusa murmura no sono e vira-se sem abrir os olhos para envolver a minha cintura com um braço e puxar-me para si. Suspira de contentamento, e aquela sensação suave no meu peito expande-se de uma forma verdadeiramente preocupante.

Mas quando fecho os olhos e caio num sono sem sonhos, é com um sorriso nos lábios.

* * *

— Isso é muito arriscado.

Esforço-me ao máximo para ter paciência.

— Tal como o teu plano. — Levanto as duas mãos quando Medusa começa a protestar. — Ouve só o que tenho para dizer, por favor.

Ela cruza os braços sobre o peito e recosta-se na cabeceira da cama. Mostra-se completamente descontraída em relação à sua nudez, e eu esforço-me por não me deixar distrair, mas com os *piercings* nos mamilos a brilhar na luz da manhã e as tatuagens que parecem mover-se na sua pele a cada movimento dos braços, é um desafio.

Aclaro a garganta e forço-me a olhar para o seu rosto.

— Sei que a Atena te mandou cá, mas até tu tens de admitir que esse não é o procedimento habitual.

Uma ruga aparece entre as suas sobrancelhas.

— Normalmente, se alguém consegue atravessar o rio, é o fim. Acho

que se não tivesses roubado o Odisseu, também teria sido o fim da tua perseguição.

Não vou pedir desculpa por tê-lo roubado. Ele mandou matar-me, pelo amor de Deus. Mas não é disso que estou a falar agora.

— Não te perguntaste por que motivo isso aconteceu? Os Treze só respondem uns aos outros. Não há nenhuma razão para não cancelarem a perseguição. Sim, há uma pequena barreira, mas tu conseguiste atravessá-la muito bem.

— Foi desconfortável. — Lanço-lhe um olhar e ela suspira. — Pronto, está bem. É estranho quando colocas as coisas assim. Onde queres chegar?

É apenas uma teoria, mas descobriremos a verdade em breve.

— Acho que o líder da cidade inferior é suficientemente poderoso para fazer hesitar até os Treze.

Ela franze a testa.

— Isso parece impossível.

— Porque crescemos na cidade alta. E se não for impossível? E se essa pessoa nos puder ajudar, e eu não tiver de sair da cidade nem tu de voltar para a Atena de mãos a abanar?

A carranca de Medusa transforma-se numa expressão curiosamente vazia. Pela primeira vez desde que a conheço, não consigo imaginar o que ela está a pensar. Descruza os braços.

— Não queres que eu volte.

O meu instinto — e o meu passado — dizem-me para ficar calada e encostar as cartas ao peito. Oferecer o coração a outra pessoa de bandeja é uma boa maneira de fazê-lo ir parar ao lixo. Ou a um picador de carne.

Estou a pedir muito a Medusa. A sua fé, a sua confiança. Se eu não puder retribuir o favor, que motivação tem ela para me ouvir?

Sinto-me na corda bamba, prestes a cair. Falo devagar, a apalpar terreno.

— Percebo que possa ser difícil acreditar nisto, uma vez que nos conhecemos há pouquíssimo tempo, mas a noite passada significou algo para mim. Não foi apenas sexo. Gosto de ti, Medusa. Muito. Sinto-me muito acarinhada quando estou contigo, fazes-me querer cuidar de ti também. É... — Deuses, isto é difícil. Ela ainda não reagiu, mas insisto. — Não parece transacional. Sei que pode não ser recíproco, e entendo perfeitamente se estavas apenas a divertir-te, mas...

— Não estava.

Pestanejo.

— Não estavas a divertir-te?

— O quê? Não, não foi isso que quis dizer. — Ela passa a mão pelo cabelo loiro, deixando-o em pé. — Ou não sei se classificaria a noite de ontem como *divertida*. Assemelhou-se mais a uma experiência religiosa, só que eu não sou religiosa nem sei se acredito nos deuses.

Fito-a impotente. Acho que percebo o que ela está a dizer, mas de repente tenho medo de interpretar mal as coisas. Parece-me que, embora ela me tenha mostrado um grau de bondade e preocupação com o qual não estou habituada, é obviamente uma boa pessoa, e pode ser assim que se comporta sempre. É um conceito estranho para mim, mas não significa que seja estranho para todos.

— Certo — digo lentamente.

— Oh, não, estou a lixar isto. — Ela levanta-se e começa a andar pelo pequeno apartamento. É uma visão gloriosa. Ela é *magnífica*, e nem posso permitir-me apreciar a vista porque a conversa está muito tensa. Finalmente vira-se para mim com uma expressão de sofrimento. — *Gosto de ti, Calipso. Não teria feito tudo isto... não teria feito sexo contigo... se não gostasse. Se estás a dizer que queres...*

— Namorar contigo — apresso-me a dizer. — Quero namorar contigo. Exclusivamente. Quero ser tua namorada.

Um sorriso lento surge no seu rosto cheio de cicatrizes.

— Minha namorada.

— Sim... — Engulo em seco. Porque é isto tão difícil? — Se for o que queres.

Ela dá um grande passo e então está junto de mim, a levar-me até ao colchão e a beijar-me com força suficiente para fazer a minha cabeça girar. Deposita beijos no meu queixo.

— Sim, é o que quero. Estás a brincar comigo? Aviso já, Calipso, vou apaixonar-me por ti. Prepara-te.

A minha gargalhada fica ofegante quando ela passa a mão pelo meu flanco, e o seu destino é óbvio.

— Espera, espera, não nos podemos distrair. Vamos encontrar-nos com o Caronte às oito.

Medusa faz questão de olhar para o relógio.

— São sete.

— E se começarmos, levaremos horas. — Beijo-a rapidamente. — Preciso de me preparar. Temos uma oportunidade e não nos podemos dar ao luxo de estragar tudo.

Ela afasta-se de mim, os seus olhos escuros a ficarem preocupados.

— Promete-me uma coisa.

— O quê?

— Promete-me que não vais trocar nada por mim. Que se essa pessoa te pedir algo ultrajante ou imperdoável, deixamos Olimpo. Juntas.

— Prometo — minto.

Medusa

Calipso está a mentir-me.

Nem posso ficar zangada porque ela está a fazer isto por mim. Consigo vê-lo na determinação do seu rosto quando ela pensa que não estou a olhar. Está disposta a fazer um acordo para garantir que eu fico segura. Não vou deixá-la fazer esse sacrifício, mas não adianta discutir até conhecer os parâmetros da arena. Primeiro, conhecemos este líder. Depois, logo se vê o resto.

Quando ficamos prontas, Calipso leva-me até à entrada principal, onde um tipo branco com cabelo preto artisticamente penteado nos aguarda. Não sorri quando nos vê, o que me faz gostar mais dele. O meu instinto diz-me que o tipo é um soldado como eu, embora esteja bem à vista, ao passo que eu me agarro às sombras. Ele observa-me, mas não olha especado para as minhas cicatrizes como algumas pessoas. Não é o suficiente para me fazer adorá-lo, mas não o odeio à primeira vista, o que já é alguma coisa.

— Como referi, consegui-te uma reunião, mas depois disso, está para lá do meu controlo — diz ele a Calipso. — Portanto, causa boa impressão.

— Eu causo sempre boa impressão. — Ela exhibe a sua exuberância encantadora, embora esteja um pouco esmorecida. Não sei se por causa dele ou de mim.

— Sim, bem, veremos. Anda daí.

Esperava que ele nos levasse a um veículo, mas em vez disso começamos a descer o passeio. A manhã está fresca e clara, e olho de esguelha para Calipso para ver se ela está suficientemente quente. O meu casaco não é grosso, mas não me importaria de lho pôr aos ombros. Na verdade, quase quero fazê-lo.

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, ponho-o em

prática. Dispo o casaco e cubro-lhe os ombros. Ela abre a boca como se fosse argumentar, mas em vez disso aconchega-se nele de uma forma que faz o meu coração bater muito depressa.

Namorada.

Ela quer ser minha *namorada*.

Se eu continuar a olhar para ela, vou acabar por tropeçar, portanto decido olhar em volta. Só fiquei com uma vaga impressão da cidade inferior ontem à noite, enquanto avançava sorrateira como uma, bem, como uma assassina. Na luz fresca da manhã, é encantadora. As montras são uma mistura eclética de estilos que deviam parecer incompatíveis, mas parecem intencionais da mesma forma que uma colcha de retalhos é intencional. De vez em quando, vejo pilares esculpidos de ambos os lados de uma porta, mas o ritmo de Caronte desencoraja o abrandar do passo.

Se nos safarmos, teremos muito tempo para explorar. Nunca fui de me importar muito com o que me rodeia — depois de ter feito um grande esforço para evitar ser notada —, mas há algo nesta zona que me atrai.

Caronte faz-nos dobrar uma esquina e eu quase paro. Diante de nós ergue-se o que parece ser uma mansão vitoriana. É um lugar tão estranho para uma mansão, quanto mais uma desse estilo: parece ter sido colocada no meio da cidade inferior por um gigante.

É para ali que somos levadas, claro. Caronte entra por uma das enormes portas. Calipso e eu trocamos um olhar e seguimo-lo. Ela parece ter a certeza de que ele sabe o que faz, mas eu passo as mãos pelos cabos escondidos das minhas facas, preparando-me mentalmente para abrir caminho dali para fora a lutar, se chegar a isso. Até agora, Caronte é a única pessoa que vi, mas com certeza que uma casa destas tem seguranças. Especialmente se o líder da cidade inferior aqui estiver.

— Se não parares de tocar nas tuas armas, eu tiro-tas. — Ele fala por cima do ombro sem olhar para mim.

Baixo as mãos, depois amaldiçoo-me por ter feito aquilo.

— Podes tentar.

— Não te quero nenhum mal. — Ele para diante de uma porta e finalmente olha para mim. — Ninguém aqui quer, a menos que tenciones atacar um dos nossos. Deixo-te ficar com as facas por cortesia.

A minha pele aquece sob o seu olhar direto, a vergonha a fazer-me querer arrastar os pés. Deuses, como pode ele fazer-me sentir castigada

quando realmente não fiz nada de mal? É preciso esforço para sustentar o seu olhar, mas eu consigo.

— Não tenciono atacar ninguém aqui, a menos que alguém ataque primeiro.

— Serve. — Ele abre a porta e dá um passo para trás. — Avancem.

Calipso move-se primeiro, roçando com o seu ombro no meu enquanto entra nas sombras da sala. Lanço um último olhar desconfiado a Caronte e depois sigo-a. O aposento é como o resto da casa que vimos — caro, mas não particularmente luxuoso. Parece uma casa em que uma pessoa rica vive, em vez de receber ali visitas. A enorme mesa de mogno domina o espaço... ou talvez seja o homem sentado atrás dela que o faz.

É outro homem branco de cabelo escuro, embora o seu cabelo seja um pouco mais comprido que o de Caronte e tenha uma barba bem aparada. Parece-me vagamente familiar, mas é Calipso quem o reconhece enquanto ainda estou a tentar descobrir por que motivo ele me parece familiar. Ela inspira bruscamente, chocada.

— *Hades?*

Dou um salto para trás e, em seguida, olho com atenção. Muitos olímpianos têm curiosidade acerca do membro dos Treze que é essencialmente o papão da cidade. Ou, pelo menos, era, antes da sua morte. Não há muitas fotografias do último Hades, mas Atena e Apolo possuem bons arquivos, portanto eu já vi uma fotografia do homem.

Este poderia ser o seu sócia.

Só que isso é impossível, porque mesmo que Hades não tivesse morrido há trinta anos, estaria com cinquenta e muitos, pelo menos. Talvez sessenta? Não sou muito boa a adivinhar idades. Este tipo não pode ter mais de trinta e cinco. A compreensão atinge-me como um raio.

— És filho dele. Devias estar morto.

— Digamos que sou um dos segredos mais bem guardados de Olimpo. — Ele não sorri, e os seus olhos escuros permanecem frios. — Vocês vieram pedir refúgio.

Não tínhamos pensado naquelas palavras, mas são um bom começo. Respiro fundo para explicar, mas Calipso fala primeiro. Caminha em direção à mesa e move-se de maneira diferente da habitual, as suas ancas a adquirirem um balanço sedutor. A sua voz também baixou.

— Sim. Faremos qualquer coisa.

As sobrancelhas dele sobem tão pouco que quase me convenço de que imaginei o gesto.

— Explica a situação.

Ela começa a falar, mas eu agarro-lhe o ombro.

— Deixa-me fazer isto.

Não lhe dou oportunidade de discutir, apenas inicio uma explicação um pouco caótica de como aqui chegámos. Não é perfeita, mas este Hades consegue ficar com uma ideia geral do que enfrentamos.

Ele ouve em silêncio, nunca mostrando um sinal de exasperação por eu demorar um pouco mais a chegar ao cerne da questão, nem interrompendo para exigir uma explicação mais clara. Quando termino, recosta-se e junta os dedos sob o queixo.

— Estou a ver.

— Estamos...

Mais uma vez, interrompo Calipso.

— Estamos dispostas a trabalhar ou a fazer qualquer coisa que seja razoável, mas *não* estamos dispostas a fazer *tudo*. Não vou matar ninguém, e a Calipso não vai ser tua amante.

Com isso, as sobrancelhas sobem.

— Estamos na cidade inferior. Não temos o hábito de assassinar pessoas que nos incomodam, e ninguém será obrigado a entrar em qualquer tipo de relacionamento sexual ou emocional se não consentir.

— Dizes tu. — Estou a ser idiota, e sei-o, mas não confio na situação.

— Qual é a contrapartida?

Ele volta a sua atenção para Calipso durante alguns segundos, antes de a voltar para mim.

— Vocês não são as únicas pessoas que foram injustiçadas pelos Treze.

— *Tu* és um membro dos Treze.

Ele continua como se eu não o tivesse interrompido.

— Posso oferecer-vos a segurança da cidade inferior, e saibam que se não estiverem a ser francas sobre o motivo da vossa presença aqui, as consequências serão... severas.

— Matas-nos — diz Calipso baixinho.

Fito-o.

— Acabaste de dizer que não tens o hábito de matar pessoas que te incomodem.

— É verdade. — O seu aceno de cabeça é leve, mas inegável. — Farei qualquer coisa para proteger o meu povo, por mais desagradável que seja. Se lhes fizerem mal, terão de se haver comigo. Se os vossos motivos forem verdadeiros, podem ficar. Mas nunca mais podem voltar à cidade alta. O meu domínio termina no rio Estige. Não vos posso proteger se forem suficientemente tolas para irem onde não estão protegidas.

Aguardo, mas parece que ele terminou.

— É tudo?

— Sim. — Ele baixa as mãos. — Sei o que é ser usado e descartado por aqueles mais poderosos que nós. Além disso, o Caronte está disposto a jurar pela Calipso, e tenho a sensação de que todos os teus espinhos eriçados se devem a queres defendê-la. — Encolhe os ombros. — Temos espaço para vocês na cidade inferior. Não arranjem problemas e podem viver o resto da vossa vida aqui em paz.

— E quanto à Atena? E ao Zeus?

Pela primeira vez desde que entrámos na sala, a expressão dele fica sombria e implacável.

— Eu trato deles. Nunca deviam ter enviado uma assassina para o *meu* território.

Demasiado bom para ser verdade. Abro a boca para continuar a argumentar, mas a mão de Calipso encontra a minha e os seus dedos entrelaçam-se firmemente nos meus.

— Nós ficamos. Não vamos causar problemas.

— O tempo o dirá. — Dirige a cada uma de nós um olhar perscrutador e então acena com a mão. — Podem ir. Tenho coisas para fazer hoje.

Não fugimos exatamente do escritório, mas mesmo assim batemos em retirada apressada. Não vejo Caronte à saída, mas tudo bem. Não sei como processar o que acabou de acontecer. Parece demasiado fácil. Calipso e eu saímos da estranha mansão e percorremos um quarteirão antes de encontrarmos um banco onde nos sentarmos.

Ela encosta-se a mim.

— O que acabou de acontecer?

— Que merda foi aquela de te armares em sedutora? «Qualquer coisa»? A sério, Calipso?

Ela endireita-se quase com relutância.

— Olimpo é a nossa casa. Não quero recomeçar noutro lado.

Olho em volta. A manhã vai adiantada e veem-se mais pessoas na rua. Movem-se de forma diferente na cidade inferior. Não consigo explicar bem, mas é tão agradável como a mistura de lojas. Como se fosse realmente uma comunidade em vez daquilo que a cidade alta é. Outra coisa que parece boa de mais para ser verdade.

— E se houver uma contrapartida?

— E se não houver?

Partilhamos um longo olhar e parece que há uma possibilidade de isto ser real. A ameaça da desilusão de Atena — do que ela me pode pedir para fazer em seguida — paira sobre mim há tanto tempo que mal consigo compreender que já não existe. Vejo o mesmo alívio e incredulidade nos olhos de Calipso.

Ela pega na minha mão.

— Eu... — Engole em seco. — Falei a sério esta manhã. Gostava de ser tua namorada, Medusa.

Puxo-a para mim e inclino-me para lhe dar um beijo rápido.

— Eu também falei a sério.

— Estamos livres — diz ela, admirada. — Tinha esperança, mas ver isto realmente a acontecer...

— Acho que vai levar tempo a parecer real. — Dou por mim a sorrir. — Vou ter de procurar emprego, mas acho que posso começar amanhã. Tenho algumas ideias para passar o tempo hoje.

Ela ri-se.

— Aposto que tens. — Calipso levanta-me e puxa-me com ela. — Vamos, Medusa. Vamos para casa.

Casa.

Pode ser demasiado cedo para me sentir assim, mas enquanto sigo Calipso pela rua de volta ao seu pequeno apartamento, parece realmente que «casa» pode ser uma pessoa, em vez de um lugar.

Que, com um pouco de tempo e muito amor, Calipso possa ser a minha casa. Essa é a beleza desta reviravolta, de algo que começou como um pesadelo e agora parece mais um sonho.

Temos todo o tempo do mundo.